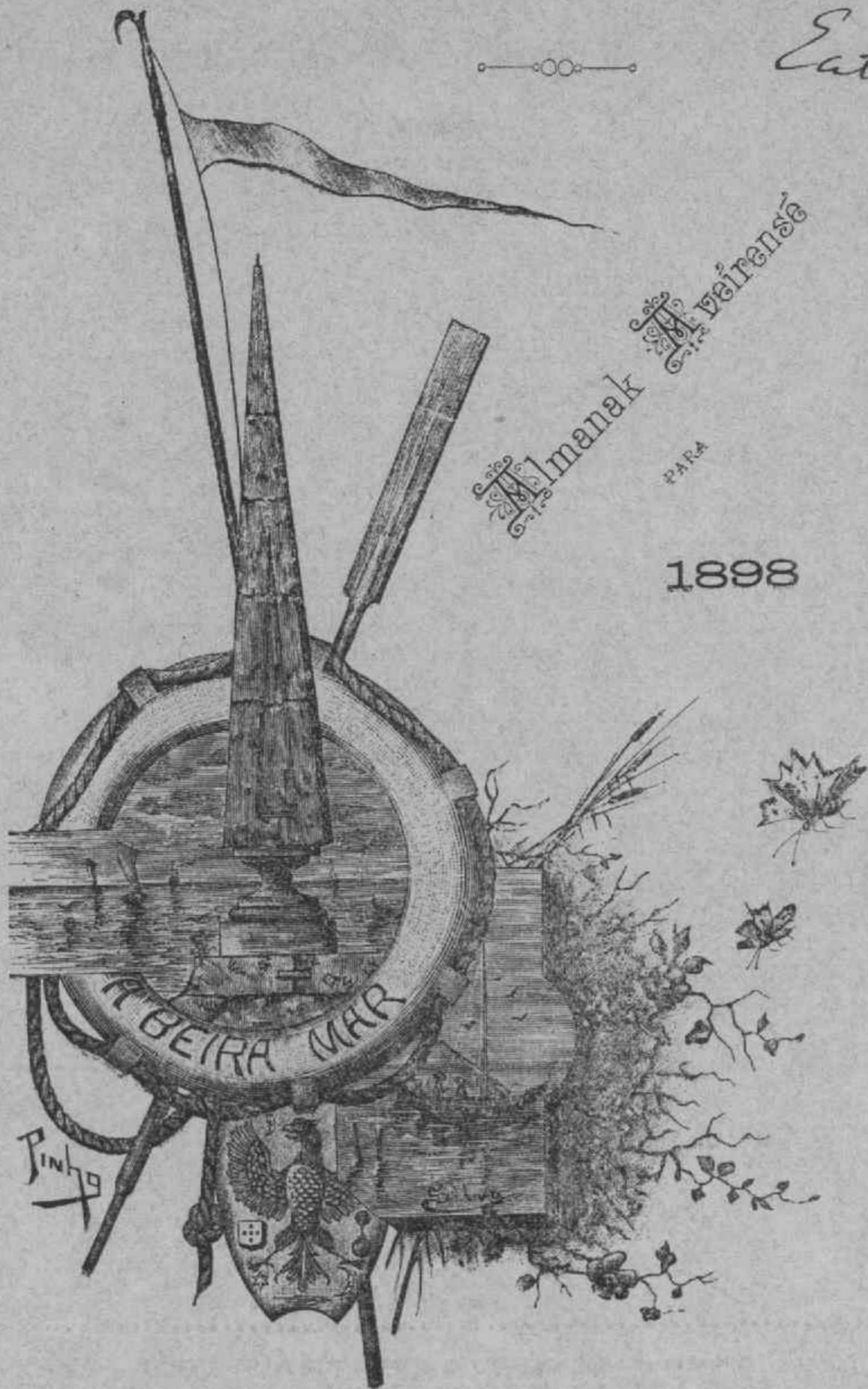
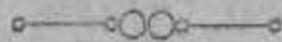


Catalogo, Paperis 85

TERCEIRO ANNO

154
Est



Almanak
PARA
Vairense

1898

.....

Aveiro—MINERVA CENTRAL—1897

Decifrações do Almanak de 1897



Charadas novísimas

N.º 1—Aravela	N.º 12—Viola
» 2—Amarella	» 13—Tamanco
» 3—Gregorio	» 14—Pretolim
» 4—Cachimbo	» 15—Malvaisco
» 5—Palatino	» 16—Andaluzia
» 6—Arabina	» 17—Pretorio
» 7—Caturra	» 18—Eulalia
» 8—Avejão	» 19—Amalia
» 9—Patarata	» 20—Capello
» 10—Barcarola	» 21—Rodapé
» 11—Paula	» 22—Bispo.

Logógrifos

- N.º 1—Mandriando
- » 2—Amizade e gratidão
- » 3—Alabastrino
- » 4—Barcarola.

Invertidas e decapitadas

- N.º 1—Aba
- » 2—Arreio
- » 3—Feira
- » 4—Anzol, Lozna
- » 5—Lamina, Animal.

Bisadas

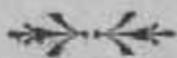
- N.º 1—Menina, Mena
- » 2—Cachimbo, Cabo.

Enygma

Barra

BRAZIL

Na capital d'esta Republica, é nosso unico correspondente o Ex.^{mo} Sr. Antonio da Silva Mello Guimarães, rua da Quitanda, n.º 45, a quem todas as pessoas que desejarem fazer aquisição do ALMANAK, poderão dirigir os seus pedidos.



É igualmente nosso correspondente, em S. José d'Ubá, na mesma Republica, o Ex.^{mo} Sr. David Marques Vieira, aonde do mesmo modo poderão ser dirigidos os pedidos de ALMANAKS.



SIGNAES DE INCENDIO DE AVEIRO



GLORIA

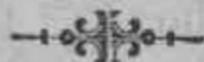
- 4—Alboi e Santos Martyres.
- 5—Espirito Santo, Cimo de Villa, Rato, Olarias e Bairro Novo.
- 6—Centro da freguezia.

VERA-CRUZ

- 7—Pescadeiras.
- 8—Gravito, Sá e Estação.
- 9—Centro da freguezia.
- 2—Chamar bombeiros.
- 3—Cessar fogo.



SIGNAES DE INCENDIO D'ILHAVO



- | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|
| 4—Malhada, Alqueidão, Rua de José Estevão, Rua de Vasco da Gama, Lagoa e Casal. | 7—Chousa Velha, Apeada, Vista-Alegre e Soalhal. |
| 5—Rua Nova, Rua Serpa Pinto, João de Deus e Arnal. | 8—Ermida e Carvalheira. |
| 6—Rua de Camões, Rua de St.º Antonio, Praça, Rua Direita, Fontoura e Cimo de Villa. | 9—Valle d'Ilhavo e Moutas. |
| | 10—Moutinhos, Preza e Lega. |
| | 11—Corgo-Commum, Coutada e Ribas. |
| | 2—Chamar bombeiros ao quartel. |
| | 3—Cessar fogo. |



CHRONOLOGIA



COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero.....	18
Indicação romana....	11
Cyclo solar.....	3
Letra dominical.....	B
Epacta	VII

TEMPORAS

Março	2, 4 e 5
Junho	1, 3 e 4
Setembro ...	21, 23 e 24
Dezembro ...	14, 16 e 17

FESTAS MOVEIS

Septuagessima a 6 de fev.
Cinza a 23 de fevereiro.
Paschoa a 10 de abril.
Ladainhas a 16, 17 e 18 de maio.
Pentecostes a 29 de maio.
SS. Trindade a 5 de junho.
Corpo de Deus a 9 de junho.
Coração de Jesus a 17 de jun.
Domingo, 1.º do advento, a 29 de novembro.

ESTAÇÕES

Primavera a 20 de março.
Estio a 21 de junho.
Outomno a 23 de setembro.
Inverno a 21 de dezembro.

BENÇÃOS MATRIMONIAES

Todos os dias do anno, excepto desde quarta-feira de Cinza até ao primeiro domingo depois da Paschoa, e desde a 1.ª dominga do Advento até dia de Reis, em que são prohibidas.

ECLIPSES DO ANNO

No anno de 1898 haverá seis eclipses, sendo tres do Sol e tres da Lua.

1.º — Eclipse parcial da Lua, nos dias 7 e 8 de janeiro, visivel em Aveiro.

Começa o eclipse no dia 7 de janeiro, ás 9 h. e 23 m. da t.

2.º — Eclipse total do Sol no dia 22 de janeiro, invisivel em Aveiro.

Começa o eclipse ás 4 h. e 9 m. da m.

3.º — Eclipse parcial da Lua, no dia 3 de julho, visivel em Aveiro.

Começa o eclipse ás 6 h. e 10 m. da t.

4.º — Eclipse annular do Sol no dia 18 de julho, invisivel em Aveiro.

Começa o eclipse ás 4 h. e 26 m. da t.

5.º — Eclipse parcial do Sol no dia 13 de dezembro, invisivel em Aveiro.

Começa o eclipse ás 11 h. e 1 m. da t.

6.º — Eclipse total da Lua nos dias 27 e 28 de dezembro, visivel em Aveiro.

Começa o eclipse no dia 27 ás 7 h. e 57 m. da t.

Janeiro—31 dias

- 1 Sabbado. ✠ Circumcisão do Senhor. S. Fulgencio, B. Grande gala.
- 2 Domingo. S. Izidoro, B. M.
- 3 Segunda. S. Anthero, P. M.
- 4 Terça. S. Gregorio, B. S. Tito.
- 5 Quarta. S. Simeão Estelita.
- 6 Quinta. ✠ Dia de Reis.
- 7 Sexta. S. Theodoro, monge. ☾ Lua cheia às 11 h. e 48 m. da t.
- 8 Sabbado. S. Lourenço Justiniano.
- 9 Domingo. Nossa Senhora de Jesus. S. Julião, M.
- 10 Segunda. S. Paulo, Eremita.
- 11 Terça. S. Hygino, P. M.
- 12 Quarta. S. Satyro, M.
- 13 Quinta. S. Hilarío, B.
- 14 Sexta. S. Felix, M.
- 15 Sabbado. S. Amaro, Ab. ☾ Q. mingunte às 3 h. e 8 m. da tarde.
- 16 Domingo. Os Santos Martyres de Marrocos. Festa em Travassò.
- 17 Segunda. S. Antão, Ab.
- 18 Terça. A cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca, V. M.
- 19 Quarta. S. Canuto, rei de Dinamarca, M.
- 20 Quinta. S. Sebastião, M. Festa em Sá no dia 23.
- 21 Sexta. S. Ignez, V. M.
- 22 Sabbado. S. Vicente, M. ☽ Lua nova às 6 h. e 48 m. da manhã.
- 23 Domingo. Os desposorios de N. Senhora com S. José.
- 24 Segunda. N. S. da Paz.
- 25 Terça. A Conversão de S. Paulo, Ap.
- 26 Quarta. S. Polycarpo, B. M.
- 27 Quinta. S. João Chrysostomo, B.
- 28 Sexta. S. Cyrillo, B.
- 29 Sabbado. S. Francisco de Sales, B. ☽ Q. crescente á 1 h. e 56 m. da tarde.
- 30 Domingo. S. Martinha, V. M.
- 31 Segunda. S. Pedro Nolasco, S. Cyro, M. A. B.

Fevereiro—28 dias

- 1 Terça. S. Ignacio, B. M. S. Brigida, V.
- 2 Quarta. ✠ Purificação de Nossa Senhora. Festa na Igreja da Apresentação.
- 3 Quinta. S. Braz, B. M. O B. Odorico.
- 4 Sexta. S. André Corsino, B. C. S. José de Leonissa.
- 5 Sabbado. S. Agueda, V. M.
- 6 Domingo da Septuagesima. As Chagas de Christo. S. Dorothea, V. M.—☾ Lua cheia às 5 horas e 47 m. da tarde.
- 7 Segunda. S. Romualdo, A. B. S. Ricardo.
- 8 Terça. S. João da Matta.
- 9 Quarta. S. Apolonia.
- 10 Quinta. S. Escolastica, V. S.
- 11 Sexta. S. Lazaro B.
- 12 Sabbado S. Eulalia V. M.
- 13 Domingo da Sexagesima. S. Gregorio II. ☾ Q. ming. às 11 h. e 58 m. da tarde.
- 14 Segunda. S. Valentim.
- 15 Terça. Os Ss. Faustino e Jovita.
- 16 Quarta. S. Porfirio M.
- 17 Quinta. S. Faustino.
- 18 Sexta. S. Theotonio.
- 19 Sabbado. S. Conrado, F.
- 20 Domingo da Quinquagesima. S. Eleuterio, B. ☉ L. nova às 7 h. e 4 m. da tarde,
- 21 Segunda. S. Maximiano, B. S. Angela de Mericia, V. F.
- 22 Terça-feira de Entrudo. S. Margarida de Cortona.
- 23 Quarta-feira de Cinza.
- 24 Quinta. S. Mathias Ap.
- 25 Sexta. S. Cezario.
- 26 Sabbado. S. Torcato M. Arc. de Braga.
- 27 Domingo 1.º da Quaresma. S. Leandro Arc. de Sevilha.
- 28 Segunda. S. Romão Ab. ☽ Q. cresc. às 10 h. e 37 m. da manhã.

Março—31 dias

- 1 Terça. S. Adrião, M. S. Rozendo, portuguez.
- 2 Quarta. S. Simplicio, P.
- 3 Quinta. S. Hemiterio, M.
- 4 Sexta. Os Ss. Casimiro, e Lucio, P. M.
- 5 Sabbado. S. Theophilo, B. S. João José, F.
- 6 Domingo 2.º da Quaresma, S. Ollegario B.
- 7 Segunda. S. Thomaz d'Aquino.
- 8 Terça. S. João de Deus ☉ L. cheia às 8 h. e 52 m. da m.
- 9 Quarta. S. Francisca Romana, viuva,
- 10 Quinta. S. Militão e os seus 39 Comp, Mm.
- 11 Sexta. S. Candido, M.
- 12 Sabbado. S. Gregorio, P. Dr. da Egreja,
- 13 Domingo 3.º da Quaresma. A B. Sancha,
- 14 Segunda. Trasl. de S. Boaventura. S. Mathilde R.
- 15 Terça. S. Zacharias. ☾ Q. ming. às 7 h. e 11 m. da m.
- 16 Quarta. S. Cyriaco, M.
- 17 Quinta. S. Patricio, Ap. da Irlanda,
- 18 Sexta. S. Gabriel Archanjo.
- 19 Sabbado. ☩ S. José esposo de Nossa Senhora. Feira annual de madeiras em Aveiro.
- 20 Domingo 4.º da Quaresma. S. Martinho Dumienne, Co-meça a

PRIMAVERA

- 21 Segunda. S. Bento, Ab. Faz 11 annos S. A. R. o principe D. Luiz Phillippe. Grande gala.
- 22 Terça. S. Emydio, B. M. ☉ L. novaa às 8 h. e 1 m. da manhã.
- 23 Quarta. S. Felix e seus Comp. Mm.
- 24 Quinta. Instituição do Santissimo Sacramento.
- 25 Sexta. ☩ Anunciação de Nossa Senhora. Abertura da importante feira de Março.
- 26 Sabbado. S. Ludgero, B.
- 27 Domingo da Paixão. S. Roberto, B.
- 28 Segunda. S. Alexandre, M.
- 29 Terça. S. Victorino e seus Comp. Mm.
- 30 Quarta. S. João Cimaco, Ab. ☽ Q. crescente às 7 h. e 4 m. da manhã
- 31 Quinta. S. Benjamin, diacono, M. S. Balbina.

Abril—30 dias

- 1 Sexta. As sete Dôres de Nossa Senhora. S. Macario.
- 2 Sabbado. S. Francisco de Paula.
- 3 Domingo de Ramos.
- 4 Segunda. S. Izidoro, Arc. de Sevilha.
- 5 Terça. S. Vicente Ferrer, D.
- 6 Quarta-feira de Trevas. ☾ Lua cheia às 8 h. e 43 m. da tarde.
- 7 Quinta-feira de Endoenças. (☒ desde o meio dia).
- 8 Sexta-feira da Paixão. (☒ até ao meio dia).
- 9 Sabbado de Alleluia. Trasladação de S. Monica.
- 10 Domingo de Paschoa.
- 11 Segunda. S. Leão I, P.
- 12 Terça. S. Victor, M.
- 13 Quarta. S. Hermenegildo, M. ☾ Q. mingunte á 1 h. e 52 m. da tarde.
- 14 Quinta. Os Ss. Tiburcio e Valeriano, Mm.
- 15 Sexta. As Ss. Basilissa e Anastacia.
- 16 Sabbado. S. Engracia, V. M., portugueza.
- 17 Domingo de Paschoela. S. Aniceto, P. M. Festa da Senhora do Alamo na sua capella ao lado norte da estrada de Esgueira.
- 18 Segunda. N. Senhora dos Prazeres, S. Gualdino, B. C. Principiam as séstas.
- 19 Terça. S. Hermogenes e seus Comp. Mm.
- 20 Quarta. S. Ignez de Montepoliciano, V. ☽ L. nova às 9 h. e 44 m. da tarde.
- 21 Quinta. S. Anselmo, Arc. de Cantuario.
- 22 Sexta. Os Ss. Sotero e Caio, Mm.
- 23 Sabbado. S. Jorge, M. defensor do Reino de Portugal.
- 24 Domingo. Fugida de N. Senhora para o Egypto. S. Fiel de Sigmaringa, M. F.
- 25 Segunda. S. Marcos Evangelista.
- 26 Terça. S. Pedro de Rates, M. B. de Braga.
- 27 Quarta. S. Tertulliano, B.
- 28 Quinta. S. Vital, M.
- 29 Sexta. S. Pedro, M. ☽ Q. crescente á 1 h. e 28 m. da manhã. Outhorga da Carta Constitucional (1826). Grande gala.
- 30 Sabbado. S. Catharina de Sena, V. D.

Maio — 31 dias

- 1 Domingo. O Patrocínio de S. José. — Começam os exercícios do mez de Maria na Igreja de Jesus.
- 2 Segunda. S. Athanasio, B. A B. Mafalda.
- 3 Terça. Invenção da Santa Cruz.
- 4 Quarta. S. Monica, viuva, mãe de S. Agostinho.
- 5 Quinta. Conversão de S. Agostinho.
- 6 Sexta. S. João ante portam latinam. ☉ L. cheia ás 5 h. 57 m. da manhã. Principiam as novenas de Santa Joanna na Igreja de Jesus.
- 7 Sabbado. S. Estanslau, B. M. S. Augusto M.
- 8 Domingo. Apparição de S. Miguel Archanjo.
- 9 Segunda. S. Gregorio Nazianzeno.
- 10 Terça. S. Antonino, Arc. de Florença, D.
- 11 Quarta. S. Anastacio M.
- 12 Quinta. S. Joanna Princeza de Portugal, padroeira de Aveiro—festa na Igreja de Jesus no dia 15. ☾ Q. ming. ás 8 horas e 59 m. da tarde.
- 13 Sexta. N. Senhora dos Martyres.
- 14 Sabbado. S. Gil, D. S. Bonifacio M.
- 15 Domingo. S. Isidro lavrador.
- 16 Segunda. S. João Nepomuceno, M.
- 17 Terça. S. Paschoal Baylão, F.
- 18 Quarta. S. Venancio, M.
- 19 Quinta. ✠ Ascenção do Senhor. S. Pedro Celestino, P.
- 20 Sexta. S. Bernardino de Sena, F. ☉ L. n. aos 22 m. da t.
- 21 Sabbado. S. Manços M. 1.º B. de Evora.
- 22 Domingo. S. Rita de Cassia. Festa do Senhor Jesus na Igreja de N. S. da Gloria. Anniversario do consorcio de S. M. El-Rei D. Carlos. Pequena gala.
- 23 Segunda. S. Bazilio, Arc. de Braga.
- 24 Terça. N. Senhora Axiliadora. S. Afra, M.
- 25 Quarta. S. Gregorio VII, P.
- 26 Quinta. S. Philippe Nery.
- 27 Sexta. S. João P. M.
- 28 Sabbado. S. Germano, B. ☽ Q. c. ás 4 h. e 37 m. da t.
- 29 Domingo do Espirito Santo. S. Maximo, B.
- 30 Segunda. S. Fernando, rei de Castella.
- 31 Terça. S. Petronilla, V. Festa em terminação do mez de Maria, na Igreja de Jesus.

Junho—30 dias

- 1 Quarta. S. Firmino, M.
- 2 Quinta. S. Marcelino, M.
- 3 Sexta. S. Paula, V. M. S. Ovidio, B. de Braga.
- 4 Sabbado. S. Francisco Caraciolo. ☾ L. cheia à 1 h. e 35 m. da tarde.
- 5 Domingo. S. Marciano, M. S. Bonifacio, B. M.
- 6 Segunda. S. Norberto, B. S. Paulina, V. M.
- 7 Terça. S. Roberto, Ab.
- 8 Quarta. S. Salustiano. S. Severino, B.
- 9 Quinta. ✠ Corpo de Deus. Os Ss. Primo e Feliciano Mm. S. Melania, C.
- 10 Sexta. S. Margarida, rainha da Escocia.
- 11 Sabbado. S. Barnabé, Ap. ☾ Q. minguante às 5 h. e 27 m. da manhã.
- 12 Domingo. S. João de S. Fagundo, A. S. Onofre.
- 13 Segunda. S. Antonio de Lisboa.
- 14 Terça. S. Basilio Magno, B. S. Eliseu, propheta.
- 15 Quarta. S. Vito.
- 16 Quinta. S. João Francisco Regis. S. Aureliano, B.
- 17 Sexta. ✠ O SS. Coração de Jesus.
- 18 Sabbado. Os Ss. Marcos e Marcelliano, Irms. Mm.
- 19 Domingo. N. S. Mãe dos Homens. S. Juliana, V. ☾ L. nova às 3 h. e 43 m. da m.
- 20 Segunda. S. Silverio, P. M.
- 21 Terça. S. Luiz Gonzaga, Começa o

ESTIO

- 22 Quarta. S. Paulino, B.
- 23 Quinta. S. João Sacerdote.
- 24 Sexta. ✠ Nascimento de S. João Baptista.
- 25 Sabbado. S. Guilherme, Ab. S. Febronia, V. M.
- 26 Domingo. A Pureza de N. S. Os Ss. João e Paulo, Irm.
- 27 Segunda. S. Ladislau, rei da Hungria. O B. Benvenuto, F. ☽ Q. crescente às 4 h. e 17 m. da manhã.
- 28 Terça. S. Leão II, Papa.
- 29 Quarta. ✠ S. Pedro e S. Paulo, Ap.
- 30 Quinta. Commemoração de S. Paulo, Ap. S. Marçal, B.

Julho—31 dias

- 1 Sexta. S. Theodorico, Ab.
- 2 Sabbado. Visitação de N. Senhora. S. Marcia, M.
- 3 Domingo. O Precioso Sangue de N. S. Jesus Christo. ☉
Lua cheia às 8 h. e 35 m. da tarde.
- 4 Segunda. S. Izabel, rainha de Portugal.
- 5 Terça. S. Athanasio, M. O B. Miguel dos Santos.
- 6 Quarta. S. Domingos, V. M.
- 7 Quinta. S. Pulcheria, V. S. Claudio e seus Comp.
- 8 Sexta. S. Procopio, F. O B. Lourenço de Brundusio.
- 9 Sabbado. S. Cyrillo, B. M.
- 10 Domingo. N. Senhora do Patrocínio. S. Januario e seus
Comp. Mm. ☾ Q. minguate às 4 h. e 6 m. da tarde.
Festa de Corpus Christi na Igreja de N. S. da Gloria.
- 11 Segunda. S. Sabino. Trasl. de S. Bento.
- 12 Terça. S. João Gualberto, Ab.
- 13 Quarta. S. Anacleto, P. M.
- 14 Quinta. S. Boaventura, B. Card. F.
- 15 Sexta. S. Camillo de Lellis. S. Henrique, Imp.
- 16 Sabbado. Triumpho da Santa Cruz. N. S. do Carmo.
- 17 Domingo. O Anjo Custodio do Reino. S. Aleixo.
- 18 Segunda. S. Marinha, V. M. S. Frederico, B. M.
- 19 Terça. As Ss. Justa e Rufina, Mm. S. Vicente de Paulo.
- 20 Quarta. S. Jeronymo Emiliano. S. Elias, propheta.
- 21 Quinta. S. Praxedes, V.
- 22 Sexta. S. Maria Magdalena.
- 23 Sabbado. S. Apollinario, B. M. S. Liborio, B. *Prin-*
cipiam os caniculares.
- 24 Domingo. S. Christina, V. M. S. Francisco Solano.
- 25 Segunda. S. Thiago, Ap. S. Christovão, M.
- 26 Terça. Os Ss. Simphronio, Olympio, Theodulo e Escu-
peira, Mm. ☽ Q. crescente à 1 h. e 3 m. da t.
- 27 Quarta. S. Pantaleão, M.
- 28 Quinta. S. Innocencio, P.
- 29 Sexta. S. Martha, V.
- 30 Sabbado. S. Rufino, M.
- 31 Domingo. S. Anna, Mãe da Mãe de Deus. Faz 33 an-
nos o sr. Infante D. Affonso (1865). Juramento da
Carta Constitucional (1826). Grande gala.

Agosto—31 dias

- 1 Segunda. S. Pedro *ad Vincula*.
- 2 Terça. N. S. dos Anjos. S. Estevão, P. M. ☾ Lua cheia às 3 h. e 52 da m.
- 3 Quarta. Invenção de S. Estevão, Promartyr.
- 4 Quinta. S. Domingos, Adv.
- 5 Sexta. N. Senhora das Neves.
- 6 Sabbado. Transfiguração de Christo. S. Thiago, Erem.
- 7 Domingo. Ss. Caetano e Alberto C.
- 8 Segunda. S. Cyriaco.
- 9 Terça. S. Romão, M. ☾ Q. mingunte às 3 h. e 36 m. da manhã.
- 10 Quarta. S. Lourenço, M. S. Filomena, V. M.
- 11 Quinta. Os Ss. Tiburcio e Suzana, Mm.
- 12 Sexta. S. Clara V. F. Anniversario da inauguração da estatua de José Estevão (1885).
- 13 Sabbado. Os Ss. Hypolito e Cassiano, Mm.
- 14 Domingo. S. Euzebio. S. Athanasia, viuva.
- 15 Segunda. ✠ Assumpção de N. Senhora.
- 16 Terça. S. Roque, F. S. Jacintho, D.
- 17 Quarta. S. Mamede, M. A B. Emilia, V. D. ☽ Lua nova às 9 h. e 57 m. da m.
- 18 Quinta. S. Clara de Monte Falco, V. A.
- 19 Sexta. S. Luiz, B. F.
- 20 Sabbado. S. Bernardo, Ab. e Dr. da Egreja.
- 21 Domingo. S. Joaquim, Pae de N. Senhora.
- 22 Segunda. S. Thimoteo, M.
- 23 Terça. S. Philippe Benicio. S. Liberato e seus Cc, Mm.
- 24 Quarta. S. Bartholomeu, Ap. ☽ Q. crescente às 7 h. e 55 m. da t.
- 25 Quinta. S. Luiz, rei de França.
- 26 Sexta. S. Zeferino, P. M.
- 27 Sabbado. S. José Calazans. S. Rufo, B. M.
- 28 Domingo O Sagrado Coração de Maria. Festa na Egreja de Jesus.
- 29 Segunda. Degolação de S. João Baptista.
- 30 Terça. S. Rosa de Lima, V. D.
- 31 Quarta. S. Raymundo Nonnato, Cardeal. ☽ L. cheia aos 14 m. da tarde. *Acabam as caniculares.*

Setembro—30 dias

- 1 Quinta. S. Egydio, Ab. Principiam as férias.
- 2 Sexta. S. Estevão, rei da Hungria. S. Ricardo.
- 3 Sabbado. Santa Eufemia, V. M.
- 4 Domingo. Santa Rosa de Viterbo, V. F.
- 5 Segunda. S. Antonio, Ab.
- 6 Terça. S. Libania, V. A.
- 7 Quarta. S. João, M. ☾ Q. m. às 10 h. e 14 m. da t.
- 8 Quinta. Natividade de N. Senhora. Festa à Senhora das Febres na capella de S. Roque. Acabam as séstas.
- 9 Sexta. S. Sergio, P. A. B. Seraphina, viuva.
- 10 Sabbado. S. Nicolau Tolentino, A.
- 11 Domingo. O SS. Nome de Maria. Festa à Senhora da Ajuda, na sua capella, proximo ao Passeio publico.
- 12 Segunda. S. Anna, V. M.
- 13 Terça. S. Filippe, M.
- 14 Quarta. Exaltação da Santa Cruz.
- 15 Quinta. S. Domingos, B. ☀ L. n. às 11 h. e 33 m. da t.
- 16 Sexta. Trasladação de S. Vicente, M.
- 17 Sabbado. S. Pedro de Arbués, M.
- 18 Domingo. Festa das Dores de N. Senhora.
- 19 Segunda. S. Januario, B. M. S. Constança, M.
- 20 Terça. S. Eustachio e seus Comp. Mm.
- 21 Quarta. S. Matheus, Ap. e Evang.
- 22 Quinta. S. Mauricio e seus Comp. Mm.
- 23 Sexta. S. Lino, P. M. S. Tecla, V. M. ☽ Q. cresc. às 2 h. e 3 m. da manhã. Começa o

OUTOMNO

- 24 Sabbado. Nossa Senhora das Mercês.
- 25 Domingo. S. Firmino, B. M. Festa de N. S. da Saude na Costa Nova do Prado.
- 26 Segunda. Os Ss. Cypriano e Justina, Mm. Festa à S.^a dos Navegantes na praia da Barra de Aveiro.
- 27 Terça. Os Ss. Cosme e Damião, Mm.
- 28 Quarta. S. Wenceslau, P. S. Bernardino, F. Faz 35 annos S. M. El-Rei o sr. D. Carlos I, e 33 S. M. a Rainha D. Amelia. Grande gala.
- 29 Quinta. S. Miguel Archaujo. ☽ Lua cheia às 10 h. e 34 minutos da tarde.
- 30 Sexta. S. Jeronymo, Dr. da Egr. Acabam as ferias.

Outubro—31 dias

- 1 Sabbado. Os Ss. Verissimo, Maxima e Julia, Irm. Mm. portuguezes.
- 2 Domingo. O SS. Rosario de N. Senhora. Festa na praia de S. Jacintho.
- 3 Segunda. S. Candido, M. S. Maximiano, B.
- 4 Terça. S. Francisco d'Assis.
- 5 Quarta. S. Placido e seus Comp. Mm.
- 6 Quinta. S. Bruno.
- 7 Sexta. S. Marcos, P. ☾ Q. mingunte ás 5 h. e 28 m. da tarde.
- 8 Sabbado. S. Brigida, viuva. S. Pelagia, penitente.
- 9 Domingo. N. Senhora dos Remedios. S. Dionisio, B.
- 10 Segunda. S. Francisco de Borja.
- 11 Terça. S. Firmino, B. Trasl. de S. Agostinho.
- 12 Quarta. S. Cypriano, B. M. S. Seraphim, F.
- 13 Quinta. S. Eduardo, rei de Inglaterra.
- 14 Sexta. S. Callixto, P. M. S. Gaudencio, B. M.
- 15 Sabbado. S. Thereza de Jesus, V. B. ☀ L. nova á 1 h. da tarde.
- 16 Domingo. S. Martiniano, M. A. Faz 51 annos S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia. Grande gala.
- 17 Segunda. S. Hedwiges, viuva.
- 18 Terça. S. Lucas Evangelista.
- 19 Quarta. S. Pedro de Alcantara. Anniversario do obito de S. M. El-Rei D. Luiz I (1839).
- 20 Quinta. S. João Cancio. S. Pisa, V. M. portugueza.
- 21 Sexta. S. Ursula e suas Comp. Vv. Mm.
- 22 Sabbado. S. Maria Salomé. ☽ Q. crescente ás 8 h. e 32 m. da m.
- 23 Domingo. S. João de Capistrano, F.
- 24 Segunda. S. Raphael Arcanjo. S. Fortunato, M.
- 25 Terça. Os Ss. Crispim e Crispiniano, Irm. Mm.
- 26 Quarta. S. Evaristo, P. M.
- 27 Quinta. Os Martyres de Evora. S. Elesbão, Imp.
- 28 Sexta. Os Ss. Simão e Judas Thadeu, Ap.
- 29 Sabbado. Trasl. de S. Izabel Rainha de Portugal. ☽ Lua cheia ás 11 h. e 41 m. da m.
- 30 Domingo. S. Serapião, B. C.
- 31 Segunda. S. Quintino, M. O B. Thomaz de Florença, F.

Novembro—30 dias

- 1 Terça. ✠ Festa de todos os Santos.
- 2 Quarta. Commemoração dos Fieis Defunctos.
- 3 Quinta. S. Malaquias, B., Primaz da Irlanda.
- 4 Sexta. S. Carlos Borromeu, Arc. Cardeal.
- 5 Sabbado. S. Zacharias e S. Izabel, paes de S. João Baptista.
- 6 Domingo. S. Severo, B. M. ☾ Q. mingunte à 1 h. e 51 m. da t.
- 7 Segunda. S. Florencio, B.
- 8 Terça. S. Severiano e seus Comp. Mm.
- 9 Quarta. Dedicção da Basilica do Salvador. S. Theodoro, M.
- 10 Quinta. S. André Avellino. S. Florencio, M.
- 11 Sexta. S. Martinho, B.
- 12 Sabbado. S. Martinho, P. M. S. Diogo, G.
- 13 Domingo. O Patrocínio de N. Senhora. S. Eugenio, B.
☀ Lua nova às 11 h. e 44 m. da t.
- 14 Segunda. Traslado de S. Paulo, 1.º Erem.
- 15 Terça. Dedicção da Real Basilica do SS. Coração de Jesus. S. Gertrudes Magna.
- 16 Quarta. O B. S. Gonçalo de Lagos, A. S. Valencio, M.
- 17 Quinta. S. Gregorio, Thaumaturgo, B.
- 18 Sexta. Dedicção da Bazilica dos Santos Apostolos. S. Romão, M.
- 19 Sabbado. S. Izabel, rainha da Hungria, F.
- 20 Domingo. S. Felix de Valois, fund. dos Trinos. ☽ Q. crescente às 4 h. e 28 m. da tarde.
- 21 Segunda. Apresentação de N. Senhora.
- 22 Terça. S. Cecilia, V. M.
- 23 Quarta. S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M.
- 24 Quinta. S. João da Cruz, C.
- 25 Sexta. S. Catharina, V. M.
- 26 Sabbado. S. Pedro Alexandrino, B. M. A. B. Delfina, V. F. S. Leonardo, F.
- 27 Domingo. S. Margarida de Saboya, viuva, D.
- 28 Segunda. S. Gregorio III, P. ☽ L. cheia às 4 h. e 3 m. da manhã.
- 29 Terça. S. Saturnino, M.
- 30 Quarta. S. André, Ap.

Dezembro—31 dias

- 1 Quinta. S. Eloy, B. Acclamação de El-Rei D. João IV (1640).
- 2 Sexta. S. Bibiana, V. M.
- 3 Sabbado. S. Francisco Xavier.
- 4 Domingo. S. Barbara, V. M.
- 5 Segunda. S. Geraldo, Arc. de Braga.
- 6 Terça. S. Nicolau, B. ☾ Q. m. às 9 h. e 29 m. da m.
- 7 Quarta. S. Ambrosio, B. e Dr. da Egreja.
- 8 Quinta. ✠ Nossa S. da Conceição, Padroeira do Reino.
- 9 Sexta. S. Leocadia, V. M.
- 10 Sabbado. S. Melchiades, P. M.
- 11 Domingo. S. Damaso, P. port. S. Franco, C.
- 12 Segunda. S. Justino, M.
- 13 Terça. S. Luzia, V. M. ☽ Lua nova às 11 h. e 6 m. da manhã.
- 14 Quarta. S. Agnello, Ab.
- 15 Quinta. S. Eusebio, B. M.
- 16 Sexta. As Virgens de Africa, Mm. Principiam as novenas do Natal na Egreja de Jesus.
- 17 Sabbado. S. Bartholomen de Geminiano. S. Lazaro, B.
- 18 Domingo. N. S. do O'. S. Espiridião.
- 19 Segunda. S. Fausta, mãe de S. Anastacia.
- 20 Terça. S. Domingos de Silos, Ab. ☽ Q. c. às 2 h. e 45 m. da m.
- 21 Quarta. S. Thomé, Ap.
- 22 Quinta. S. Honorato, M. Começa o

INVERNO

- 23 Sexta. S. Servulo, Adv.
- 24 Sabbado. S. Gregorio, M.
- 25 Domingo. ✠ Nascimento de N. S. Jesus Christo.
- 26 Segunda. S. Estevão Protomartyr.
- 27 Terça. S. João, Ap. e Evang. ☽ Lua cheia às 11 h. e 3 m. da t.
- 28 Quarta. Os Ss. Innocentes, Mm.
- 29 Quinta. S. Thomaz, Arc. de Cantuaria, M.
- 30 Sexta. S. Sabino, B. M.
- 31 Sabbado. S. Silvestre, P.

REPARTIÇÕES PUBLICAS DE AVEIRO



GOVERNO CIVIL

Governador civil effectivo, Dr. Albano de Mello; *governador civil substituto*, Annibal Fernandes Thomaz; *secretario geral*, Dr. João Foyo Soares d'Azevedo; *officiaes*, Dr. Joaquim de Mello Freitas, Dr. Manoel Maria da Rocha Madail, José Maria Pereira do Couto Brandão; *amanuenses*, Dr. José Tavares d'Almeida Lebre, Amadeu de Faria Magalhães; *porteiro*, Antonio do Valle Guimarães; *continuo*, Luiz Maria Teixeira.

COMMISSÃO DISTRICTAL E AUDITORIA

Presidente, Governador Civil; *vogaes effectivos*, Dr. Manoel Nunes d'Oliveira Sobreiro, David da Silva Mello Guimarães e João Bernardo Ribeiro Junior; *substitutos*, Antonio Maria Marques Villar e Manoel Rodrigues Sacramento; *secretario*, Joaquim Simões Franco; *secretario da auditoria*, Miguel Ferreira d'Araujo Soares; *continuo*, Bento dos Santos.

Auditor, Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

REPARTIÇÃO DE FAZENDA DO DISTRICTO

Delegado do thesouro, Miguel Augusto Pereira d'Araujo; *official*, Francisco Victorino Barbosa de Magalhães; *primeiros aspirantes*, Zacharias da Naia e Silva, Viriato Ferreira de Lima e Sousa, Antonio Paes d'Almeida; *segundos aspirantes*, Antonio Ferreira Pinto de Sousa, Sebastião Ferreira Leite, Candido Augusto dos Santos Paes Junior, Arnaldo Rebello d'Oliveira Figueiredo.

LYCEU NACIONAL

Reitor, Francisco Augusto da Fonseca Regalla; *professores*, João da Maya Romão, Dr. Manoel Gonçalves de Figueiredo, Dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, Dr. José Rodrigues Soares, Albino Dias Ladeira de Castro, P.^o Manoel Rodrigues Vieira, Dr. Ildefonso Marques Mano, P.^o José Marques de Castilho; *secretario*, Dr. Elias Fernandes Pereira; *porteiro*, José do Nascimento Correia; *continuo*, Manoel dos Santos Silva; *guarda da bibliotheca*, José Martins de Pinho (addido); *sub-inspector de instrução primaria*, José Maria Dantas de Sousa Baracho (addido).

COMMISSARIADO DE POLICIA CIVIL

Commissario, Dr. Eugenio d'Albuquerque Sauches da Gama, (effectivo); João Pedro de Mendonça Barreto, (substituto); *secretario*, Antonio Moreira Soares da Silva Bello; *amanuense*, Bernardo de Sousa Lopes; *continuo*, Manoel Bernardo Calvão; *chefe de esquadra*, Antonio Simões Lebre.

CORREIO E TELEGRAPHO

Director, Eduardo Serrão; *chefe de estação*, Ernesto Levy Maria Correia; *fiel*, Alfredo Cezar Brito; *primeiros aspirantes*, Ernesto Julio Caldeira Prazeres, João Maria da Rocha; *segundos aspirantes*, Augusto Nunes Varella, Antonio Ferreira da Encarnação Junior e Antonio Gonçalves Rosa; *aspirantes auxiliares*, Amelia Augusta Correia, Antonio Dias Simões de Carvalho, Augusto Simão Estylita Pereira de Freitas, José Rodrigues dos Santos, Jorge Dias Valdez e Antonio d'Oliveira Pinto Junior; *distribuidores*, José Vieira Guimarães, José Maria de Carvalho Junior, Leovigildo Mathias de Mello, Manoel Maria Augusto dos Santos e Francisco de Sousa Marques; *distribuidores rurales*, João dos Santos Grangeia, José Diniz Ferreira Fabião; *guarda-fios*, José Pereira da Silva, Antonio Joaquim Gloria, e Joaquim da Silva Moutella.

SERVIÇOS FLORESTAES

Silvicultor chefe das dunas do Norte, Egberto de Magalhães Mesquita; *regente florestal encarregado da regencia de Aveiro*, Januario Netto Henriques; *guarda das sementeiras de S. Jacintho*, Abel d'Oliveira; *guarda das sementeiras da Gafanha*, Joaquim de Figueiredo.

HYGIENE PUBLICA

Guarda-mór, Dr. Eugenio d'Albuquerque Sauches da Gama; *escrição interprete*, Antonio Correia Loureiro.

OBRAS PUBLICAS

Director, Francisco da Silva Ribeiro; *personal tecnico*, engenheiro, Augusto Julio Baudreira Neiva; conductor de 2.^a classe Augusto da Maia Romão; conductores de 3.^a classe, José da Maia Romão, Antonio Aureliano Severo d'Oliveira, José Ferreira Pinto de Sousa, Avelino de Freitas Magalhães e Manoel Tavares d'Almeida Lebre; conductores de 3.^a classe (addidos) Evaristo de Moraes Ferreira, Anselmo Augusto Maria da Silva e João Santhiago; desenhadores de 1.^a classe Joaquim Antonio dos Reis; Pedro Guilherme de Oliveira, Domingos dos Santos Gamellas e Manoel Antonio Goelho de Barros; desenhador auxiliar, Sisnando Maia; *personal administrativo*, amanuense de 2.^a classe José Maria Pereira; amanuenses de 3.^a classe, Manuel Francisco Lourenço Catharino, Francisco d'Assis Marques Gomes, Renato da Silva Mello Franco; *pagador*, Manoel Anthero Baptista Machado; *servente*, Antonio Fernandes.

2.^a CIRCUMSCRIÇÃO HYDRAULICA

Engenheiro chefe da 3.^a secção, José Maria de Mello de Mattos; *conductores de 3.^a classe*, Firmino de Sousa Huet, Manoel Walter da Fonseca Vasconcellos e Rodrigo Monteiro de Sousa; *amanuense*, Joaquim Bacellar de Sousa; *apontadores mestres de rios e vallas*, José Fortunato Coelho de Magalhães e José Teixeira das Neves; *guardas*, José Maria da Maia e José Rey.

CAMARA MUNICIPAL (1896-1898)

Vice-presidente em efectivo serviço, José Antonio Pereira da Cruz; *vereadores effectivos*, Augusto de Oliveira Pinto, Alberto Ferreira Pinto Basto, Manoel Matheus Ventura, Augusto do Carmo Cardoso Figueira, Henrique Cardoso Figueira, Carlos Celestino Pereira Gomes; *vereadores substitutos*, Duarte Ferreira Pinto Basto, Pedro Augusto Pimentel Galisto, Manoel d'Oliveira Razoilo, José Nunes de Carvalho e Silva, Manoel dos Reis, José Manoel Rodrigues, João Maria Ribeiro e João Francisco Leitão; *secretario*, Firmino de Vilhena d'Almeida Maia; *secretario addido*, Abel Augusto Regalla; *thesoureiro*, João Tavares Avelino; *amanuenses*, Manoel Marques e Luiz Augusto da Fonseca Regalla Junior; *aferidor*, Eduardo Vieira; *guarda livros do Azylo Escola Districtal*, João Maria Pereira Campos; *chefe da fiscalisação*, José Rodrigues Mieirol; *chefe dos zeladores*, Domingos Pereira Grijó; *officiaes*, José Duarte da Costa e Miguel dos Santos Gamellas.

Medicos do partido: dr. Manoel Gonçalves de Figueiredo, dr. Luiz Augusto da Fonseca Regalla, dr. Manoel Pereira da Cruz, dr. Francisco Antonio Marques de Moura e dr. Antonio Thomaz da Maia Mendonça.

ADMINISTRAÇÃO DO CONCELHO

Administrador effectivo, Dr. Eugenio d'Albuquerque Sanches da Gama; *administrador substituto*, João Pedro de Mendonça Barreto; *secretario*, Francisco da Silva Carvão; *secretario addido*, Joaquim Augusto Novaes; *amanuenses*, Antonio Baptista de Sousa e José Fernandes Mourão; *officiaes*, Manoel Simões Amaro Junior, José Rodrigues Branco, Joaquim Maria Pereira de Rezende e Camillo Augusto Vieira.

TRIBUNAL JUDICIAL

Juiz de direito, Dr. Alexandre de Sousa e Mello (effectivo) e José Ferreira da Cunha e Sousa (substituto); *delegado do procurador regio*, Dr. José de Sousa Mendes; *sub-delegado*, Dr. Jayme Duarte de Moraes e Silva; *contador*, Dr. Joaquim Manoel Ruella; *advogados*, Dr. Duarte Mendes Correia da Rocha, Dr. Luiz Augusto Pinto de Mesquita Carvalho, Dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, Dr. Manoel Francisco Teixeira, Dr. Joaquim Manuel Ruella, Dr. Ildfonso Marques Mano, Dr. Alexandre José da Fonseca, Dr. Joaquim Peixinho; *escrivães de direito*, Arnaldo Augusto Alvares Fortuna, Antonio Augusto Duarte Silva, Silverio Augusto Barbosa de Magalhães, Severiano Juvenal Ferreira e Leandro Augusto Pinto do Souto; *officiaes de diligencias*, Joaquim Teixeira da Costa, Silvestre José d'Oliveira, João da Rocha Carolla, Antonio Augusto d'Almeida; *carcereiro*, Augusto José de Carvalho.

CONSERVATORIA

Conservador, Dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães; *ajudante*, (vago); *amanuense*, Luiz Antonio da Fonseca e Silva.

AGENCIA DO BANCO DE PORTUGAL

Agentes, Dr. Jayme de Magalhães Lima e Antonio da Cunha Pereira; *amanuenses*, João Pereira Pinheiro, Guilherme Pinto, José Maria Barbosa e José Pereira de Carvalho Branco; *continuo*, Joaquim Antonio Ferreira.

REPARTIÇÃO DE FAZENDA DO CONCELHO E RECEBEDORIA

Escrivão de fazenda, Antonio Joaquim Marques Perdigão; *escripturarios*, Casimiro Ferreira da Cunha, Carolino Manoel Rodrigues e Amandio de Sousa; *recebedor*, Manoel de Sousa Brito; *proposto*, Florentino Vicente Ferreira.

ESCOLA INDUSTRIAL

Professores de desenho, Antonio Rodrigues da Silva e Francisco Augusto da Silva Rocha.

CAPITANIA

Capitão do porto, Americo Pestana Pinto Goulão, 1.º tenente da Armada; *escrição*, Julio Maria dos Santos Freire; *cabo de mar*, José Nunes da Maia.

SECÇÃO ADUANEIRA

Chefe da secção, Manoel Pedro Nunes da Silva; *amanuense*, Manuel Luiz Junior (addido); 1.º *patrão*, Manoel Rodrigues da Paula; 2.º *patrão*, Elias dos Santos Gamellas; *remadores*, José de Moraes Gamellas, Manoel Dias dos Santos, João dos Santos Carão, José Maria dos Santos Rocha, Antonio da Roza Lima, João Dias, José d'Oliveira e Antonio Maria da Naia.

INSPECÇÃO DO SELLO

Inspector, Mario Duarte; *fiscal*, Manoel Eduardo Pinto Victor

SECÇÃO DA GUARDA FISCAL

Chefe da secção, Jacintho Agapito Rebocho.

SECÇÃO DO REAL D'AGUA

Chefe da secção, Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque.

DISTRICTO DE RECRUTAMENTO E RESERVA N.º 9

Commandante, Norberto Amancio d'Almeida Campos, (major de infantaria); 1.º *sargento*, Arthur Esteves de Figueiredo; 2.º *sargentos*, Manoel Pedro Nogueira Velho de Chaby e Antonio da Maia.

AGRONOMO DO DISTRICTO

Manoel Lopes d'Almeida.

VETERINARIO DO DISTRICTO

Joaquim Rés.

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE AVEIRO

Abel Ferreira da Encarnação, industrial; Adriano da Conceição Costa, commerciante; Alberto Pinheiro Chaves, commerciante; Albino Pinto de Miranda, commerciante; Alipio Pires, commerciante; Angelo da Roza Lima, commerciante; Anselmo Ferreira, commerciante; Antonio Cardozo de Azevedo, commerciante; Antonio da Costa Azevedo, commerciante; Antonio da Cruz Bento, commerciante; Antonio Ferreira Canha, commerciante; Antonio Ferreira Felix Junior, commerciante; Antonio Ferreira Pacheco, commerciante; Antonio Marques d'Almeida, commerciante; Antonio da Silva Pereira, industrial; Antonio dos Santos Gamellas, industrial; Antonio Pereira Junior, Successores, commerciantes; Antonio Teixeira, commerciante; Arnaldo Bernardo da Perpetua, commerciante; Arthur Paes, commerciante.

Carlos Migueis Picado, industrial; Carlos da Silva Mello Guimarães, industrial e commerciante.

Delfim Corrêa de Mello, relojoeiro; Domingos José dos Santos Leite, commerciante; Domingos Luiz Valente d'Almeida, industrial e commerciante; Domingos da Naia, commerciante; Domingos Pereira Guimarães, commerciante; Duarte Ferreira Pinto Basto, industrial.

Eduardo Augusto Ferreira Osorio, commerciante; Estevão Ventura commerciante.

Fernando Homem Christo, industrial; Francisco Antonio Meirelles, commerciante; Francisco Antonio de Moura, pharmaceutico; Francisco Antonio da Silva, commerciante; Francisco Emilio da Luz e Costa pharmaceutico; Francisco Ferreira, commerciante; Francisco Migueis Picado, commerciante; Francisco Paes, commerciante; Francisco Pinto d' Almeida, ourives; Francisco dos Santos Pereira Mello, commercianté; Fontes & Companhia, commerciantes.

Innocencio Antunes Caracol, commerciante; Innocencio Esteves, commerciante.

Jeremias dos Santos Marques, commerciante; João Bernardo R. Junior, pharmaceutico; João C. d'Almeida, commerciante; João Francisco Chrisosthomo, commerciante; João Francisco Leitão, commerciante; João Maria R. Balacó, commerciante; João Maria dos Santos, commerciante; João Pedro Soares, industrial; João de Pinho Vinagre, commerciante; João Pinto de Miranda, industrial e commerciante; João Rodrigues da Paula, commerciante; João da Silva, commerciante; João da Silva Salgueiro, commerciante; João da Silva Santos, commerciante; Joaquim Coelho da Silva, commerciante; Joaquim Dias Abrantes, commerciante; Joaquim Ferreira da Costa, relojoeiro; Joaquim Ferreira Martins, industrial e commerciante; Joaquim Maria dos Reis Santo Thyrsó, commerciante; Joaquim Martinho Girão, commerciante; Joaquim Nunes de Figueiredo, commerciante; Joaquim de Pinho Vinagre, commerciante; Joaquim Rodrigues Faria, commerciante; José Antunes d'Azevedo, Successores, commerciantes; José Almeida dos Reis, industrial e commerciante; José Antonio Marques, commerciante; José Augusto Ferreira, commerciante; José Bernardes da Cruz, industrial; José Fernandes Melicio, commerciante; José Gonçalves Gamellas, commerciante; José Joaquim Gonçalves da Caetana, commerciante; José Maria da Naia, commerciante; José Maria d'Oliveira Vinagre, commerciante; José Maria Ribeiro, ourives; José Maria Sarabando, commerciante; José Marques d'Almeida & Irmão, industriaes e commerciantes; José Marques d'Azevedo, commerciante; José do Nascimento Ferreira Leitão, commerciante; José Pereira Junior, commerciante; José Trindade, industrial.

Leonardo da Cruz Bento, commerciante; Luiz da Naia e Silva, industrial e commerciante; Luiz Peixoto de Magalhães, commerciante; Luiz Pereira da Cruz, commerciante; Luiz Soares, commerciante.

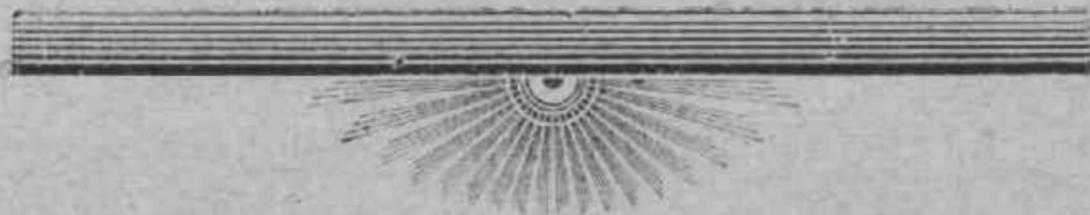
Manuel Anthero Baptista Machado, commerciante; Manuel Caetano de Mattos, commerciante; Manuel da Cruz Junior, commerciante; Manuel Ferreira Patacão, industrial e commerciante; Manuel Homem de Carvalho Christo, industrial e commerciante; Manuel José de Mattos Junior, commerciante; Manuel de Lemos Junior, commerciante; Manuel Marques, commerciante; Manuel dos Reis, commerciante; Manuel da Rocha, industrial e commerciante.

Primo da Naia, commerciante.

Reynaldo Vidal Rangel de Quadros Oudinot, pharmaceutico; Ricardo Pereira Campos, commerciante.

Tobias da Costa Pereira, commerciante.

Visconde da Silva Mello, commerciante.





PEDRO ANTONIO MARQUES

Houve n'esta cidade um homem distincto, que, em actos publicos de extremado alcance, adquiriu justa fama de benemerito em todo o paiz,—e em Aveiro conquistou as maiores sympathias para a sua memoria, e um rasto brilhante de respeitos e affectos. Este homem foi José Estevam.

Tão brilhante esse sol, tão veneranda essa individualidade, que depois da sua morte prematura, até os poucos que tentaram apedrejal-o em vida, vieram fazer *amende honorable* do delicto, e vem agora ainda protestar que sempre o honraram, e intrometter-se na ala dos que sempre lhe prestaram culto.

Esse benemerito da patria e de Aveiro, sua terra natal, era a honestidade em pessoa, um patriota eximio, um artista de palavra, e um dos mais bellos exemplares conhecidos da eloquencia tribunicia.

Esta terra, que se presa de comprehender e de apreciar devidamente os grandes principios que fazem da humanidade nina só familia e põem á frente dos destinos da familia humana os grandes corações, os grandes patriotas, propoz-se perpetuar a memoria gloriosa de seu benemerito filho, sagral-a com toda a solemnidade, como lição de elevada significação para as gerações futuras. Assim se fez, e esse acto foi tão significativo que, sendo celebrado n'uma pequena capital de provincia, eccou em todo o paiz, em todos os recantos da patria portugueza.

Pois bem! A classe artistica de Aveiro tem o seu nome indisselavelmente ligado a esse generoso acto, a essa maravilhosa ideia. Um grupo de filhos do trabalho metteu hombros a essa empreza, empenhou toda a sua energia, estimulou todas as forças, venceu todas as difficuldades e viu, finalmente, coroado de feliz exito o seu bello pensamento.

Pedro Antonio Marques cujo retrato aqui apresentamos, foi o thesoureiro d'essa benemerita commissão. Já então, a sua avançada idade parecia não lhe permittir essas verduras; mas do gelo dos annos, do entorpecimento dos membros, zombou o venerando ancião, e nunca a sua falta foi notada, onde o chamasse o dever do encargo que tomara com tanto afan e enthusiasmo.

Se, porém, o pezo dos annos o não tornassem apto para um encargo em que se dispenderam tantas energias, a honestidade de character, e o raro exemplo de uma vida affadigada e canceirosa, evidenciada nas luctas do trabalho, davam-lhe iuteiro direito a collaborar na consagração d'um artista de palavra, que foi ao mesmo tempo um dos nossos mais perfectos exemplares de cidadão honesto e prestigioso.

Prestando, pois, esta homenagem ao honrado velho, o *Almanak Aveirense*, obra de artistas e de filhos do trabalho cumpre um dever de affecto e confraternidade, que será devidamente apreciado.

HYMNO AO AMOR

(A Marques Machado)

Amigo: A ti, que junto ao mar,
sagras eterno cantico ao *Amor*,
vem n'este dia o pobre trovador
seus carmes offertar.

Amor
é meiga luz,
astro e calor,
que nos seduz.

Tem um segredo,
graça expressiva,
sorriso ledo,
que nos captiva.

Quem pôde, quem,
os seus encantos
e afagos tantos
odear?... Ninguem.

Este universo
e tudo quanto
n'elle ha disperso
ergue este canto
em seu louvor:
—amor! amor!

As aves,
fendendo suaves,
ao raçar do alvor,
o azul dos ceus
soitam a Deus
hymnos d'amor.

E as estrellas,
em seu fulgor,
que exprimem ellas,
essas estrellas?...
Amor! Amor.

Do choupo a hera,
na primavera
meiga e formosa;
verde campina,
valle, colina
e mariposa;

a flôr,
o niveo liz
tudo isso diz:
—amor!

a brisa
deslisa,
com terno afago,
pela corrente
alvinitente,
do manso lago.

A mãe,
fonte do bem,
ao seu filhinho,

mostra ternura,
mostra carinho,
na desventura,

Até o mar,
—o lutador—
no ingente arfar,
do inflado seio,
revela anceio
d'ignoto amor,

Tambem um dia
hauriu Maria
do amor materno
a doce luz,
quando o Eterno
lhe deu Jesus,

E se eu, assim,
lembro o jardim
do patrio lar,
sinto avivar,
cá dentro em mim,
onde perdura,
luz meiga e pura;
—grata amizade,
que diz saudade,
que diz ternura,

Oh! toda a terra,
e o que ella encerra,
entôa amor!...
Até os anjos,
thronos, archanjos
junto ao Senhor!

MANUEL ANÇÃ.



—Ora dize-me, rochunchuda niña, és casada ou solteira?
—Yo? Soy sola!...
—Sola?!... julguei que eras coiro mais fino. Não me
serve,



CHARADAS 1 a 4 (Novissimas)

Burila o soffrimento o dono d'este almanach—2—1.
A ave, na musica, encerra—2—1.
A intriga e a particularidade grammatical celebrizam
Aveiro—2—1.
E' animadora a duração n'este jornal d'Aveiro—2—3.

Ilhavo.

M. M.

NA PENUMBRA

(SAUDADES)

Ha corações de mulheres
com os quaes se podia lapi-
dar diamantes!

Wertheimer.

Elle vira-a uma vez, e ficára profundamente impressio-
nado com tão sympathica mulher.

Ella trajava e vestia irreprehensivelmente; era clara,
de olhos e cabellos negros, e accentuadamente elegante.

Amou-a.

Elle, se não era precisamente um bohemio, era, com-
tudo, um rapaz alegre, muito franco, muito sincero, e
muito bem conceituado entre a rapaziada indigena.

Ella, não sei se por esses predicados, se por sympa-
thia, gostou d'elle e patenteou-lhe o seu affecto, que disse
ser de ha muito, immenso. Elle acreditou-a, porque recebeu
d'ella o testemunho inolvidavel d'um verdadeiro amor.

* * *

Um dia os seus labios encontraram-se... e n'esse os-
culo ardente, demorado, valendo um poema, uma vida
inteira, foi transmittida mutuamente a promessa d'um amor
eterno. Não foi uma banalidade, não; foi a junção de
duas almas, que se comprehenderam, enfim, nascidas
uma para a outra, e agora se viam unidas pelos liames
d'um acrisolado affecto.

* * *

Durante um anno e tanto quasi contaram as suas feli-
cidades pelos dias.

A's vezes, cioso d'essa mulher em quem via uma di-
vidade, punha, quasi, em duvida, o sentimento que ella
lhe notava; ella amorosamente magoada, acudia a embar-
gar-lhe a phrase, dando por testemunho a sua vida e a dos
seus, e jurando-lhe, por cousas sacrosantas, um amor e
dedicação sem limites. E os dois viam, radiantes de feli-

cidade, desvanecer-se, apoz esse gaze nevoento, que ainda mais arraigava o amor louco e cego que entre elles existia.

Mas...

Tinha de ser!

* * *

Um dia, ou porque se visse mais attrahida a outro homem, ou porque, simplesmente, se aborrecesse de se ver tão amada, (às vezes os idolos quebram-se com a vehemencia da adoração!) apresentou-se-lhe altiva, convidando-o a uma formal separação.

O pobre rapaz que se sentiu estupendamente esmagado com tal ingratição, invocou os instantes mais delirantemente passados; os protestos que ella innumeras vezes proferira; o immenso amor que sempre lhe votára e que ella sempre bem soube apreciar e agradecer, correspondendo com esses mil carinhos que só uma mulher assim idolatrada pôde offerter... Tudo foi improficuo. O proposito era firme, a vontade soberana, o desejo renitente. Elle teve de ceder; e baqueou, amargamente convencido de que fôra sacramental e terrivel a phrase que tempos antes lhe ouvira: — «*A mulher, de fogo que era, transformou-se em perfeita mulher de marmore!*»

* * *

Emancipara-se, pois, do amor d'esse homem; divorciara-se do affecto que d'elle colhera.

Veio depois o desprezo. Elle sentiu-o; elle sente-o; e, no recolhito do seu pensar, da sua amargura, ainda adora apaixonadamente essa mulher! Na obscuridade do seu viver, quantos momentos horrivelmente dolorosos elle passa, curtindo, immercidamente, o esquecimento, a ingratição, com que ella premiou uma affeição tão sincera!

E como foi pura e extrema a dedicação d'este homem, que nunca amara outra mulher,—elle, assaltado pelo desgosto que ella lhe cavou fundo, perdera a jovialidade de outr'ora, e desvia-se da convivencia, aonde não encontra lenitivo ao viver attribulado que arrasta, esquecimento para a magoa que tanto e tão de continuo o martyrisa.

Compunge-o airoz e cruelmente a ideia, sem remedio,

de perdê-la, e a ingratição com que ella poz termo ao seu inegualavel amor, sepultando-o abruptamente desfeito no pelago do esquecimento.

* * *

E era esta a mulher que dizia nunca amar assim um homem, como se lhe manifestava, e que tambem nunca encontrara quem a amasse com tal paixão! . . . E como estas dedicações são hoje tão raras como dignas de apreço,—n'esta epocha de miserias e devassidão, de lagrimas e lodo,—se um dia os olhos negros e scintillantes d'essa bella e mal agradecida mulher poizarem sobre esta recordação do seu passado, ella ha de sentir remorsos da sua ingratição para com esse pobre rapaz, cujo crime foi apenas amal-a, como hoje, immensamente, e cuja felicidade seria . . . poder esquecê-la, como ella o esqueceu . . .

* * *

Elle traça estas linhas depois de a ver, longe, no dia e proximo da hora a prefazer um anno que, n'esse mesmo sitio, bem distante do bulicio, passou com ella, a sós, um dos momentos mais bellos da sua existencia; momentos que hoje lhe trazem á alma a nota da mais pugentissima recordação e da mais viva—Saudade!—

VIII—97.

João Só.



Um sujeito que estava pescando á linha, monologava o seguinte:

—As raparigas são como as linhas dos pescadores, cujo anzol é o olhar, e a isca o sorrir. O amante é o peixe, e o casamento a frigideira onde elle se cosinha.



CHARADA DECAPITADA N.º 5 (por letras)

Dei-lhe uma . . . que elle não . . . dizer, porque . . .
o . . ., . . . noite.

TELAS REALISTAS

Sêde de amor

Eu sinto n'alma fremitos, desejos,
 De sorver, com mil beijos,
 As tuas pomas, ninho de caricias...
 Eu quero doidamente embriagar-me,
 E de novo engolphar-me
 N'esse teu paraizo de delicias!

Augusto.



CHARADA N.º 6 (Bisada)

Na fama—3

—á—

um peixe—2

DÉSALENTO E ESPERANÇA

Senhor, que vale esta vida,
Entre lagrimas e dôres,
De grandes maguas pungida,
Que distillam amargores?

Bem louco eu era na infancia,
Entre illusões tão douradas,
Em que eu folgava com ancia,
Como n'um horto de fadas!

Tudo fugiu n'um instante,
Como foge a leve aragem,
Quando perpassa inconstante
Em sua dôce bafagem!

Ficára, qual secco arbusto,
Da tempestade batido!
Já não sou tronco robusto,
Sou como feno esquecido!

.....

Mas se esta vida assim fez
Affronta aos affectos meus,
Que importa? Por sua vez
Um me dará a paz: Deus!

Costa Nova, 23—9—97.

Nunes e Silva.



CHARADA DECAPITADA N.º 7 (por syllabae)

Metteu-se n'uma... e foi... pelo...

Peeludiu

.....

Assim que tudo se apromptou, lá foram embarcar ao caes. Largaram na bateira, ria acima.

Manhã abafada em bruma, que mal deixava enxergar as coisas em torno. A agua dormia placida, como envolta em mysterio, e quando os remos mergulhavam, parecia murmurar d' enfado. Uma branda serenidade pairava no ar, quebrada a cada momento por vozes soltas de pescadores. Dos *malhadaes* vinha um aroma de hervas orvalhadas. Ao passar, aves marinhas, que lá se acoitavam, partiam em vôos medrosos, piando os seus gritos selvagens e lamurientos.

Manhã nevoenta de julho, que faz prever dia abrazador. E assim foi: pouco depois, o nascente illuminou-se subitamente d'um esplendido clarão avermelhado e roxo, que se foi diluindo vagamente n'uma larga tinta alaranjada. Era o sol que subia. A bruma começou a dissipar-se, os objectos tomavam fôrmas concisas, definiam-se, destacavam, alongando a perspectiva; e por fim, os primeiros raios accenderam esplendores nos pincaes, vieram estirar-se nas aguas, desafogaram a atmospherá, inundaram toda a terra de luz!

A bateira do José Peixinho deslisava como uma gaivota. A Amilhas empunhava um remo a medir brios com o irmão mais novo, o Antonio.

O outro afinava a guitarra, enquanto os paes, á ré, conversavam em assumptos triviaes.

O sr. Albertinho iria mais tarde. Viera de Coimbra, a ferias, e como se lhe proporcionara o regabofe da *bota-dela* muito desejava presenciar.

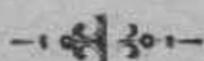
Ia para vin'annos que o José Peixinho amanhava a *marinha*, pertença de seus paes, d'elle Albertinho. Vio-o, portanto, nascer, medrar, fazer homem; trouxe-o ao cõllo, quasi lhe serviu d'ama secca! Porisso o estudante era um intimo,

A tia Leocadia teve um alegrão quando soube da sua ida á *marinha*. Queria que visse a gente folgar, mais a sua Aninha a dizer lindas canções e rodar na dança como um pião. Certamente, o *menino* que não se havia de arrepende.

.....

RENATO FRANCO,

(Excerpto d'um livro de contos prestes a publicar-se *Manhãs de Primavera*).



—O que? Pois o senhor sustenta que ha cães mais es-
pertos que os donos?

—De certo! são raros, mas eu tenho um...



SUPPLICA E CONFISSÃO

(A UMA CRIANÇA)

Tu não me dirás creança?
Pelos teus olhos tão bellos,
P'la trança de teus cabellos,
Qual foi o mal que te fiz?
Se tu soubesses, meu anjo,
O' bocca cheia d'esp'rança,
O' sorrizo de bonança,
O bem que sempre te quiz!...

Mas não sabes quanto affecto
Te dedico, minha flor;
Não sabes, não, quanto amor
Por ti, em minh'alma vae...
Só desejava, creança,
Aurora em manhã d'abril:
Cobrir-te de beijos mil
E dar-te o nome de pae!

Pois sabe tu, branca pomba,
 Minha doida mariposa,
 O' botão de fresca rosa,
 O' rosa ainda em botão:
 Sabe que te quero d'alma,
 Rosto gracil d'açucena,
 E que tenho grande pena
 De me não ter's afeição.

Quero-te tanto, creança,
 O' sorrizo d'alvorada,
 Estrella por Deus lançada
 Ao collo de tua mãe:
 Que se a mim te afeiçãoasses,
 Guardava a tua afeição
 Dentro do meu coração,
 Junto d'outra que elle tem...

Alguem.

CHARADAS 8 e 9 (Novissimas)

E' uma ninharia que na povoação haja brincadeira, 2—3
 E' uma planta cujo numero repellimos, 2—1

Amor nascente...

Tinham-lhe dito que brevemente saia do collegio. Estava já muito prendada, sabendo linguas e tocando piano.

Mas a sua organização debil tinha-se resentido d'aquelle estudo aturado, respirando um ar claustral, encerrada em quatro paredes nuas, mesmo lugubres, a esconderem-lhe a paysagem que se estendia ao longe n'uma claridade de luz e viço.

Do seu quarto abria-se uma janella para o quintal. A perspectiva d'esse recinto acanhado, monolona na sua invariabilidade, fazia-lhe mal, estiolava-a, e recordando

momentos felizes da infancia, que esse bocado de terra cultivada lhe fazia lembrar, chorava enraivecida d'essa prisão a que a obrigavam — para que fosse depois uma mulher educada e tivesse um futuro bonito — diziam.

As companheiras alegres, traquinas, fazendo muita bulha e gargalhando sonoramente, despreocupadamente, incommodavam-n'a, punham-lhe fremitos no temperamento todo hystérico, e para lhes escapar, ella, á hora do recreio, ia para o quarto, sentava-se á banca e passava as horas a ler.

Um dia bateram-lhe á porta; abriu-a. A creada, uma rapariga dos seus dezoito annos, muito viva, os labios sempre arqueados n'um sorriso expressivo, entrou muito cautellosa, perfilando o indicador no nariz pedindo silencio, e baixo:

—E' para si, . . . —Mostrava-lhe uma rosa d'um carmin vivo, setineo. E depois com uma inflexão na voz:

—E' d'elle, sabe?

Não sabia, ignorava tudo, e interrogava com o olhar — que se explicasse, ella não comprehendia. . .

A creada, então, debruçando-se na meza, muito confidencial:

— Parece impossivel! Pois não tem visto o rapaz da luneta que está sempre junto do guarda-vento na egreja, á missa das sete!?. . .

Ella ruborisou-se, tinha uma leve recordação, mas que queria isso dizer, que significava a rosa?

— Olha a innocente! . . . troçava a creada. Que queria dizer?! . . . Essa é boa! Offerece um rapaz uma flôr a uma senhora e não quer dizer nada, hein! . . . Se fosse com ella bem sabia o que havia de fazer. . . Pena tinha ella, mas uma vez que a menina era assim, arranjal-o-lia para si. Olé se arranjava! . . .

Tocava a sineta para o estudo, e a creada sahindo:

— Olha a sonsa. . .

A rosa ficára sobre a mesa n'um abandono d'orphã, as petalas largas a despegarem-se do calice. . .

E á noite quando ella veio para o quarto, o coração oppresso pela scena da manhã, teve um estremecimento ao encarar a flôr, deu um pequenino grito e instinctiva-

mente levou a mão ao coração como que para o amparar nas pulsações fortes, desusadas, que ella nunca experimentára.

Teve medo, sentia se mal, havia qualquer coisa allí que lhe irritava os nervos. A janella estava aberta ainda e o luar, sempre indiscreto, entrava no aposento clareando-o pallidamente.

Vinham de fóra bafos serenos; em baixo laranjeiras em flôr desentranhavam-se em fragancias suavíssimas, e o cheiro beato do alecrim, e o aroma penetrante dos manjericos, subiam em espreguicamentos ondeantes, n'uma prodigalidade de perfumes.

Foi até junto da janella. Na quietação da noite o zumbir impertinente dos mosquitos tinha as proporções gigantes das grandes alvorocos e o coaxar das rãs em baixo no tanque meio d'agua parecia o *brou-ha-ha* d'uma cidade distante quando principia a movimentar se.

Volveu para *elle*, pela primeira vez, o pensamento; o coração apressava-se na systole e diastole, e o sangue escoando-se rapido pelas arterias, escandecia-a. Sentia-se bem n'aquelle estado anormal; uns fremitos calidos que lhe agitavam todo o seu ser, davam-lhe sensações agradaveis de pombos que se arrulham, e os seus labios vermelhos de romã abriam-se a medo n'um sorriso passageiro.

* * *

Ao outro dia era domingo. Levantou-se cedo, muito cedo, quando o horisonte começava a tingir-se d'um vermelho atoqueado.

O ar fresco da manhã punha-lhe rigezas nos membros lassos, cobria-a d'um prurido tonificante, e as inalações da brisa saturada de essencias confortavam-n'a deliciosamente.

A noite passára-a mal. Teve sonhos exquisitos de altares engalanados, resplandecentes de luz; senhoras vestidas de seda branca n'um roçagar arripiante; typos encaçados sobraçando tochas; ella deslumbrante na frescura do seu rosto, no talhe airosamente delineado, com setins e rendas que lhe davam o aspecto d'uma rainha, e junto de si um rapaz elegante, perfilado na sua casaca de linhas

irreprehensíveis, e o padre, um padre velho, pesado nos annos, a mastigar latim... De cima um anjo d'azas brancas n'um vôo rapido soltava petalas de rosas; em baixo os beijos liberalisavam-se, os cumprimentos succediam-se...

Lembrou-se do sonho e còrou.

—Como a imaginação é caprichosa!... Que disparate de sonho!...

Tocava, então, para a missa e a directora, uma senhora idosa, de nariz grande n'uma cara chupada, chamou na sua voz de trovão:

—Meninas, vamos...

Sahiram para a rua. Adeante iam as mais novas de mãos dadas, nos seus passinhos miudos, saltitante; depois as mais velhas, remirando-se muito nos seus vestidos de lã, olhando para todos os rapazes e rindo-se baixo, á socapa; *ella* ia atraz séria, olhos no chão, com movimentos acanhados.

No adro da egreja investigou, olhou furtivamente—se *elle* estaria por allí...

Não estava; havia apenas uns grupos de empregados publicos, homens serios, caracteres probos, gesticulando com pausa; um ou outro artista na exposição do seu fato domingueiro; estudantes *chics* bamboleando a badine; soperas que davam os seus requebros, muito cheirosas, a agua de colonia barata...

Entraram no templo. N'um relance d'olhos viu-o. Fita-va-a com avidez e aquelle olhar afogueado e terno impressionou-a, poz-lhe no cerebro estonteamentos. Refluio-lhe ao coração todo o sangue para logo percorrer as arterias em borbotões, e todo o corpo tremente, como que agitado por uma febre devoradora, fazia-a vacillar nos seus passos arrastados.

Molhou os deditos na agua esverdeada da pia e aquella sensação de frescura reanimou-a como um excitante que lhe fizessem respirar.

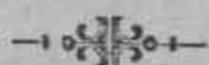
Ajoelharam ao pé d'um altar. Havia no templo um cheiro resinoso a incenso e nas inalações mais fortes percebiam-se os aromas d'umas floresitas que se debruçavam em vasos baratos de ramalhões azues. *Ella* olhava o altar n'uma immobibilidade de estatua.

La contando as estrellas douradas que se espalhavam a granel no manto azul d'uma Senhora da Piedade; analysava depois umas cortinas de damasco que cabiam sem uma prega; descia para as dhalias que riam um escarlate vivo e vinha por fim embeber-se nos arabescos do frontal com passagens a retroz vermelho.

As primeiras notas do orgão fizeram-n'a accorder d'este lethargo, voltou-se para o côro e n'um relance d'olhos viu-o a lital-a ainda com a ardencia d'um coração que ama....

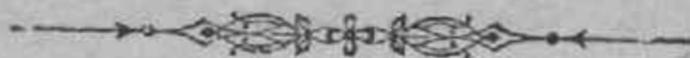
Enviou-lhe um sorriso, o seu primeiro sorriso...

RAUL.



CHARADAS 10 e 11 (Novissimas)

Qual o preço em Aveiro d'uma canôa? 2—2
Este animal é um descanso para a escrava, 1—2



A POESIA

Poesia, és ninho d'amor,
Que dás ao peito alegria;
És anjo de paz, poesia,
Que ao bardo tiras a dôr!

P. Bessa.



CHARADA DECAPITADA N.º 12 (por syllabas)

Na... vi a... que..., ... vontade.

MINHA MÃE!...

(A MANOEL MOREIRA)

E' esse o amor dos amores,
Rival no mundo não tem.

ADELINO VEIGA.

Não ha no mundo affecto ao seu equal;
Onde encontrar assim fieis amores?
Só ella sabe e sente as nossas dores,
Como provém e finda o nosso mal.

O mundo é tôrpe e quasi que é banal;
Só falsos prismas tem e falsas côres;
Ingratidões, desprezos, mil horrores,
Eis, da vida, o sudario, o tremedal.

Se a mim te não roubassem cedo as fragoas,
Se pudesses voltar d'essa jazida,
O peito meu jámais teria magoas...

Na vida em que a desgraça nos retém,
Só Deus é santo e puro e immenso e bello
Como tu foste, minha boa Mãe!...

Aveiro, XI de 97.

ADRIANO COSTA.



Um saloio assistindo uma noite ao ensaio da philarmónica Aveirense, ouviu dizer que quando uma figura estava alterada por um accidente, bastava um bequadro para a tornar ao seu estado natural. O lapuz tomou sentido n'isto.

Sahindo d'alli, vê um homem estendido na Praça de Luiz Cypriano com um accidente, e sem esperar mais, dirige-se á pharmacia Oudinot e diz:

— Oh! sôr buticairo, benda-me bomecè ahí depressa um bintem de besquadros p'ra dar alli a um prove homezinho que está muito alterado com um accidente.

VICENTE MONTI

Na feroz Romanha, provincia d'Italia, por uma tarde de fevereiro de 1754, Fiel Monti notava com jubilo de pae no seu *memorandum*: «Naseeu-me hoje um filho, a quem hei de dar o nome de Vicente.»

E quem diria que 70 e tantos annos mais tarde o grande mundo litterario se inclinaria consternado e reverente sobre a eça do recém-nascido!

Designios da Providencia!

As salvas da artilheria não se ouviram então, nem voaram ao Céu os cantos da poesia palaciana; e todavia tinha nascido um Imperador, não um Imperador de corôa, de throno e de armas, mas um Imperador do talento, o que é mais bello e mais puro.

Fiel Monti não tinha aspirações, e parece que conhecia a fundo o classico axioma da philosophia aristotelica.

Unusquisque generat sibi simile.

Philosophicamente, pois, foi-o destinando à agricultura. Mas o filho tinha nascido para poeta, e foi poeta apezar de tudo. Por fim resignou-se, o bom pae.

Vicente Monti começou a escrever os seus versos na lingua classica de Cicero e de Horacio; e enthusiasmou-se tanto com o latim que chegou a convencer-se de que nunca chegaria a ser um mediocre poeta italiano.

Por fim resolveu-se. *A prophesia de Jacob*, um dos primeiros ensaios na lingua de Dante, embora mediocre, nota Stiavelli, revela o germen do poeta e o seu gosto pelo visionario, pelo phantastico e pelo biblico. E depois cantou a côrte de Roma, cantou, cantou, até lhe parecer que, substituindo o nome do Pontifice pelo do Imperador, seria mais mimosa e brilhante a aurora da sua vida.

Mas foi n'este periodo de enthusiasmo cortesão pelas glorias do Vaticano que elle apresentou a sua famosa *Bassviliana*, a mais intelligente, a mais perfeita e a mais bella imitação da *Divina Comedia*.

Um dos bi-graphos de Vicente Monti diz que então o grande Dante Alighieri quebrou os sigillos da sua tumba, e levantou-se para recommençar uma vida nova, toda esplendida de juventude immortal.

Mas ai! que durou pouco o esplendor d'esta nova vida do desterrado florentino!

Como deve ser doloroso, no vigor de todas as faculdades, sentir escapar a vida, e desabar sinistramente o organismo, cedendo ás leis da Natureza!

A poesia de Vicente Monti tornou-se então triste e desanimada: os seus ultimos versos fazem ás vezes chorar, como a canção pelo onomastico da sua querida.

Finalmente, depois de dois annos de lentos e pezados soffrimentos, morreu o grande poeta aos 13 de outubro de 1828, deixando á litteratura patria um bello patrimonio de magnificos versos.

Foi sepultado no cemiterio de S. Gregorio, em Milão, onde sua mulher e seus filhos lhe levantaram um singelo monumento.

Aveiro, 9—10—97.

J. DE L. VIDAL.

D. João Evangelista

NA NOITE DO S. MARTINHO

(AO DR. ACCURCIO DA CONCEIÇÃO)

Cantar o S. Martinho em cada alegre lar,
Tricanas senhoris da minha terra pobre,
Deixae pela janella um raio de luar
Ir cingir amoroso a vossa fronte nobre.

Eu quero ver dançar n'um doido festival
A vossa mocidade — um feixe d'alegrias,
Até vir a manhã rosada, auroreal,
Beijar-vos ledamente e dar-vos os bons-dias.

Esvasiae, cantando, a taça ainda cheia
De vinho novo a trasbordar
Festeje-se com pompa em toda a velha aldeia
O S. Martinho do meu lugar.

Prosiga a roda, não pare a dança
Vá, raparigas, dansae, dansae,
No rodopio quem é que cansa?
Vá, raparigas, cantae, cantae.

*
* *

O coração das tricanas
E' um cofre vèrde-mar
Cheio de beijos, sorrisos,
Branços, da còr do luar.

As estrellas que palpitam,
No ceo com meigo fulgor,
São os olhos das tricanas
Que tem morrido d'amor.

Tricanas são beijos d'ouro
Dos labios do Redemptor,
Cada uma é um thesoiro
Mas um thesouro d'amor.

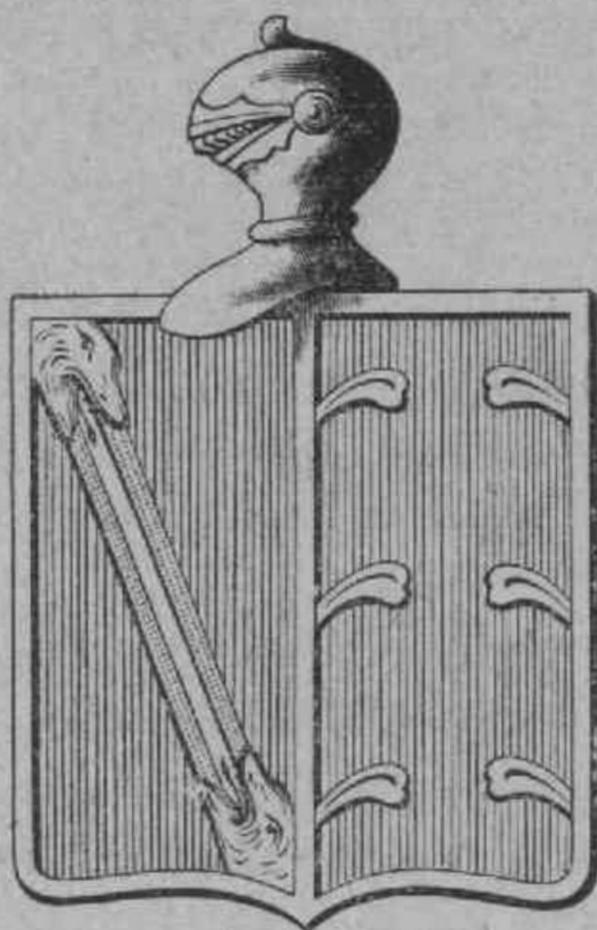
Tricanas da minha terra
Quando eu morrer, lacrimosas,
Ide chorar sobre a lousa,
Cobrir-me a campa de rosas

Tricanas da minha terra
Vinde á noite descantar
Na morada do meu peito
Tendo por vela o luar.

*
* *

As tricanas são devotas
Da festa de S. Martinho
— Meu patrono por favor
Não caseis aquella d'ellas
Que não provar o teu viinho.

Na festa do vinbo novo
Com effusão, com fervôr,
Collabora todo o povo
Sendo juiz o Prior.



BRAZÕES AVEIRENSES

CASA DE VILLARINHO

I

E' no logar de Villarinho, freguezia de Cacia, d'este concelho de Aveiro, que estanceia um dos antigos solares dos Couceiros, familia oriunda de França, conhecida em Portugal desde o tempo do Conde D. Henrique.

A Diogo Vaz Couceiro, morgado de Villarinho, fez D. Affonso V mercê do padroado da igreja de S. Julião de Cacia, por Carta de 19 d'agosto de 1445. E' actual representante por varonia d'esta familia, aliada por casamentos com as dos Costas, na segunda metade do seculo XVII, o sr. Francisco Manoel Couceiro da Costa e é seu brazão: Um escudo em pala; na primeira as armas dos Couceiros em campo vermelho, tres couceiras de prata entre dois leões de oiro; na segunda pala as armas dos Costas: seis costas de prata firmadas em duas palas. Timbre o dos Costas—duas costas do escudo em aspa, atadas com um troçal vermelho.

O NADA...

(NA DESCRENÇA)

O que é, na vida, o homem? *sér* impuro;
Barro sem valor, pôdre e infecundo;
Creação esporádica, que ao mundo
Lançada foi, qual lama ao vil monturo;

Mysterio insondavel; ponto escuro,
Errando pelo espaço, furibundo;
Argilla venenosa; pus immundo;
Lixo engeitado, vil, sem ter futuro!

Amou; mas *alguem* d'isso escarneceu;
Calou, então, no peito, essa paixão,
O affecto que su'alma offereceu.

Morre á dôr d'essa atroz ingratição,
Ruim paga! que ao amor *alguem* te deu,
O' barro vil! Que és tu? és... podridão!...

Ignotus.

LOGOGRIPO n.º 13

No céu d'um azul sereno
Passa alegre e satisfeita, 1, 2, 3
Emquanto no prado ameno
Amadurece a colheita. 1, 2, 3, 4, 1

E qual reptil indolente
Que a luz do sol vitalisa,
Desce a aspera vertente, 5, 4, 6
Sob as caricias da brisa.

E ao fim de rudes fadigas
Regala-se o lavrador,
Se vê n'ella para as migas, 3, 4, 5, 1
E dá graças ao Senhor...

Quando se diz o conceito,
Não falta, leitor amigo,
Quem p'ra matar tenha geito;
Porém, eu cá não o digo.

CATASOL.

COISAS D'AVEIRO

(OS AMANTES)

Nem só a gentileza das tricanas, a belleza da ria, a amenidade dos campos, os ovos molles e mexilhões, nem as cavaqueiras nos Balcões constituem o atractivo da cidade d'Aveiro: os partidos das phylarmonicas é um phenomeno curioso, bem para recordar. A scisão entre pescadores e artistas, estes admiradores da phylarmonica «Amizade», aquelles da «Aveirense», scisão esta em que, aliás, existem excepções, significa um capricho tão inveterado quanto irrisorio, taes as rivalidades e extravagancias existentes nos animos de muitos «amantes». Em alguns chega a ser uma paixão, uma nevrose, tão funda quanto infundada; n'outros um preconceito de classe; ainda em alguns um «sport», e em mui poucos a admiração criteriosa pela excellencia das phylarmonicas. Ha «amante» que não falta a um ensaio, nem a uma romaria: sabe de còr os cantos e nomes de todas as peças do repertorio, desde a rapsodia estreiada pelas «entregas dos ramos», até aos «huguenotes» ou «madgyares». É socio benemerito da «amantistica», discute composição, execução e afinação; assobia ou applaude a «nova» ou a «velha» sem que tal *dilletante* conheça uma figura de musica, ou possua ouvido para conhecer uma *raia*. É *virtuose* sem conhecimento de causa, e o seu capricho rouba-lhe tranquillidade, e até haveres, cerceia-lhe sympathias, faz-lhe criar odios, promover desordens, alimentando uma rivalidade entre conterraneos e parentes; o que é sobremodo deprimente, e vexatorio até, para a formosa Veneza Luzitana.

Alguns ha que reconhecem superioridade na phylarmonica que detestam, como já presenciei, mas detestam-na por atavismo, por suggestão ou por inimidade para com algum musico. Mudam de opinião, mercê de circumstancias extranhas ao merecimento da phylarmonica, o que, n'outra parte, significaria um superlativo disparate. Quem ri são os musicos que, arranchados nos coretos, assistem à bordoadada, deixando correr os marfins. Ora ouçam os «amantes» d'estas verdades, e... não levem a mal.

Ilhavo.

M. MACHADO.



I

És linda!... Mas és tão pobre...
 E o ser pobre prejudica...
 Embora não fosses nobre,
 Convinha que fosses rica.

Como hei-de *amar-te*, creança,
 Se vou tornar-me inconstante?
 Porem, não chores, descança:
 Tu podes ser minha amante!

II

Es feia!... Mas eu não sei
 Porque é que te chamam feia!
Mal te vi, logo te amei,
 Embora ninguém o creia!

Por ver-te rica, a pobreza
 Chamou-te feia!—Orgulhosa
 Que assim diffama a *belleza!*...
 Só tu serás minha esposa!...

1897.

D. S.

—◆◆◆◆◆—
 CHARADA 14 (Novissimas)

A medida da flauta é legume—2—2

UM CRIME

(FRAGMENTO)

A. J. de M.

Era por uma manhã humida, nevoenta, de setembro. O dia dealbara por entre um nevoeiro serrado; depois, com o despontar do sol por detraz das cumeadas do nascente, a nebrina fôra-se gradualmente dissolvendo no ar calmo; uma gaze lactescente, uma como fina pulverisação de aljofares, poisava para o lado do forte, por sobre as areias e a serenidade espécular das aguas da ria. N'esta subtil condensação hydrica, as coisas tomavam formas indecisas, hesitantes, amorphias vagas e inesperadas de sonho. No alto, para o zenith, só um tenuissimo veu nebuloso pairava, e, por sobre elle, o azul desdobrava-se, setineo e distante.

Para o mar ainda não descerrara o nevoeiro; a crista espumosa das ondas, quebrando-se além, no banco, apenas se antevia da praia; mal se divisava a outra margem do canal da barra; e para o sul a vista perdia-se no vago da cerração.

Da superficie agitada do mar um rumor lento e monotonico subia para o infinito. E, na cabeça do molhe, a *sereia* erguia, isochronamente, o seu forte clamar lamentoso, que se repercutia longamente por sobre o mar incerto, envolto em brumas.

O Atlantico estava na baixa-mar: era à hora do banho, — sete da manhã; em face ao pharol, no alto da riba arenosa da praia, uma extensa fila de barracas de panno desenrolava-se, levemente tocadas de oiro pelos raios do sol, que o nevoeiro fazia pallidos; em baixo, no mar, tomava-se banho; e, no alto da «meia laranja», a *sereia* soltava com uma regularidade de pendulo o seu clamor desolado, gritando aos navios perdidos na bruma os perigos das costas batidas do mar e sem o abrigo carinhoso dos portos.

Junto aos blocos que enrocam a base da «meia-laranja», na estreita fila de areia, éntão a descoberto pela vasante,

dois individuos, — um homem e uma mulher, — conversavam. Eram Mario e Joanna. Tinham vindo até alli quasi insensivelmente, seguindo ao longo da orla sinuosa de conchas, algas, pedras e detritos que a maré, começando a repontar, ia fazendo subir ao longo da praia; Mario viera fallando agitadamente; Joanna, na apparencia parecendo procurar conchitas, curvada, caminhara a par d'elle, escutando-o, replicando a uma ou outra phrase. Agora, alli junto á cabeça do molhe, o dialogo entre os dois proseguia, cortado a cada momento pelos brados lamentosos, manando uma angustia infinita, da *sereia* vizinha.

Havia quasi um anno que Mario amava Joanna. Amava-a com um amor vehemente, profundo, que lhe enchia todos os momentos da vida, que era a sua constante obsessão.

Definiu Hugo o amor como sendo «a redução do universo a um unico ser e a dilataçào de um unico ser até Deus». Era assim o amor de Mario por Joanna: desde que a amava todos os outros seres eram sombras, só ella a realidade. Mas ella não o comprehendera; egoista, vergando a falsos preconceitos, queria quebrar aquellas relações, que julgava más, porque illegitimas, peccaminosas, porque fôra da lei, como se o amor se pudesse sempre amoldar aos convencionalismos sociaes!

Viera lhe elle expondo razões, desenvolvendo motivos, erguendo supplicas. — Que, ao menos cumprisse o que lhe promettera, — rogava; — e depois deixal-a-bia.

O que Joanna lhe promettera fôra uma visita a casa d'elle. Mas agora, intransigente, cruel, negava se, recusava, renitia, teimava, mentia.

A tal ponto que Mario desistiu de a convencer, de a beijar uma ultima vez. Mas, antes de se separarem, iterou-lhe um pedido, já feito n'outra occasião: — Que lhe jurasse de novo que nunca seria d'outro.

— Juro! — fez ella.

— Veja lá!

— Juro-lhe que nunca serei d'outro! — tornou Joanna.

— Olhe que, se falta a esse juramento, mato-a, — fez Mario, pallido, com uma energia serena. — Já lh'o disse e creia que o faço! Mato-a!

— Descance, — disse ella.

Seguiu-se um silencio momentaneo; por cima das cabeças dos dois a voz poderosa da *sereia* ergueu-se subitamente, reboou por sobre o oceano, perdeu-se em echos longinquos na amplidão do mar. E logo Joanna:

—Agora deixe-me.

Elle ficou um momento hesitante, mudo, os olhos humidos; leve um encolher d'hombros e um sorriso amargo; depois murmurou:

—Passe bem.

E afastou-se, uma grande vontade de chorar a suffocal o. Proximo, o mar, impassivel, entoava o seu grande, perennal epinicio; o nevoeiro diluia-se na doirada tepidez da luz solar; e do renque de barracas vinha um ruído confuso de vozes, dominado de instante a instante pelo clamor selvagem da *sereia*.

.....

Mezes transcorridos, por uma tarde suave de primavera, chegava Mario, vindo de Coimbra, a Aveiro. Vinha desesperado, decidido a tudo, sob a pressão de um ciúme louco, de uma raiva e de um odio ferozes.

Joanna trahira-o; davam-lhe como certo noticias de Aveiro. E elle, sabendo-as, não se conteve; as ferias da Paschoa estavam a chegar; deixou Coimbra sob o impulso de um unico e inexoravel desejo: —saber a verdade e, caso ella houvesse faltado ao que jurara, matal-a.

Ao outro dia, com astucias de hypocrita, á meza de um café, conseguiu obter do outro, do amante de Joanna, a certeza, Soprou-lhe a vaidade, duvidando de que fôsse elle agora o preferido; e elle cahiu no ardil; contou factos, deu provas, acabou por mostrar uma carta de Joanna. O odio deu a Mario forças para o ouvir serenamente. Deixou-o; com uma decisão brutal, inflexivel, de se vingar. Tombava o crepusculo. Perguntou onde ella estaria; disseram-lhe que em casa. Foi-se postar ao fundo de uma viella d'onde a casa se via. A noite cahira, uma noite escura, sem luar, picada de estrellas muito nitidas.

Decorreu o tempo; deram sete, sete e meia, oito e já Mario desesperava de a ver sahir n'essa noite quando á porta da rua assomou um vulto: —era ella! Reconheceu-a logo pelo seu rosto levemente moreno, de desenho impeccavel,

olhos castanhos e nariz fino, por esse rosto cuja pelle setinea tanto havia beijado e a que agora o leque de gaz do candieiro vizinho dava uma pallidez suave.

Ella deteve-se um momento no lumiar; depois sahiu e foi seguindo no seu passo ligeiro. Mario, n'um repelão felino, deixou o seu posto, partiu-lhe no encalço; alcançou-a ia ella entrando na praça da Fructa. Deteve-a por um braço; e n'uma voz que sibilava e tremia:

— Tu lembras-te do que me juraste, miseravel?! — perguntou.

Ella empallideceu profundamente, lançou um terno olhar desvairado, quiz soltar o braço.

— Largue-me! Olhe que eu grito! — balbuciou.

Mas elle não a deixou.

— Lembras?! Falla! responde! Lembras?

E sacudia-a ao impulso d'uma colera terrivel.

Joanna assustou-se, veio-lhe um medo atroz; fez-se branca como a cal; viu-o resolvido a tudo e, sob o dominio d'um terror louco, supplicou:

— Não me faça mal! mentiram-lhe! juro que lhe mentiram. Eu explico-lhe tudo... Mas amanhã... Aqui não... amanhã...

— Mentas! Eu vi as cartas... Cartas, percebes?! Sei tudo... Vais morrer!

E, á luz vacillante do gaz, um punhal, lampejando, sulcou rapido o ar, embebeu-se no ventre de Joanna uma, outra e outra vez.

Ella gritou; policias correram do commissariado vizinho; e, enquanto Mario era levado preso, Joanna era conduzida a casa, d'ondo só para o tumulto havia de sahir.

Crimes de amor! crimes de amor! Crimes de irresponsaveis! crimes sem criminosos!

Lisboa—XI—97.

M. d'Eça.

CHARADA 15 (Novissima)

N'um toma e n'um larga se encontra esta veste—1
—1.

As tricanas

(NO PALHEIRO DO CABO LUIZ)

Tricanas da «beira-mar»
Vossos sorrisos dão vida,
Como a lagrima d'orvalho,
A' violeta pendida.

Fizeram greve as estrellas,
E não quizeram brilhar,
Por invejarem os olhos
Das môças da «beira-mar».

Tricanas, meigas tricanas,
Não vos fieis nos amores,
Que tem, como a rosa, espinhos,
E, se ferem, causam dôres.

Es um viçoso jardim,
Bella cidade d'Aveiro,
As rosas são as tricanas,
A «beira-mar» o canteiro.

Saudades da «beira-mar»
O meu coração guardou,
Como guarda a namorada
Do noivo que s'ausentou.

A Deus pediram os Anjos,
Fazendo grande berreiro,
Que lhes dêsse a formustira
Das tricaninhas d'Aveiro.

N'uma barquinha as tricanas
Entôam meigos descantes,
Inebriando d'amores
Os corações dos amantes.

M. MACHADO.



Entram quatro viajantes em uma estalagem, e um cão que os seguia tomou o mesmo expediente.

Depois dos cumprimentos trocados entre elles e o estalajadeiro, este exclamou vendo o cão:

—Bonito animal!... Pertence-vos, senhor? diz elle ao primeiro.

—Não, meu amigo.

—Admiravel que é! Sem duvida é vosso?... perguntou ao segundo.

—Não, senhor.

—A cabeça é soberba!... Devia-lhe ter custado bem caro? tornou elle ao terceiro.

—Não me pertence.

—E' de fina raça, é um esplendido animal?... diz ainda o estalajadeiro, voltando-se para o quarto viajante.

—Tambem me não pertence, diz este.

—O quê? grita de repente o adulator, estupefacto.

E dando no infortunado cão um rude pontapé, disse encolerizado:

—Safa-te d'aqui, immundo animal.



CHARADA 16 (Novissima)

No charco vejo este homem—1—2.



Manoel Homem de Carvalho Christo

O Povo de Aveiro no seu numero commemorativo publicado por occasião da inauguração solemníssima do monumento ao grande tribuno e filho d'esta terra, José Estevão Coelho de Magalhães, escreveu as seguintes palavras que hoje recordamos:

«Quando um dia alguém quizer escrever com justiça e saber, do nosso tempo e dos nossos homens, Manoel Christo ha de apparecer como uma das individualidades mais caracteristicas da geração actual».

Não temos a louca vaidade de querer escrever a his-

toria da actual geração; falta-nos o espaço — que é nada, e o saber — que é tudo. Porém, ainda que agrilhoado entre estes dois pólos, extremos absolutos de toda a realidade, não deixamos de reconhecer nas palavras transcriptas um fundo de verdade.

Manoel Christo é democrata e a elle devem grande parte do seu incremento as ideias republicanas em Aveiro. Poderá a inveja ao serviço desvairado e defensivo de partidarios da velha fôrma politica tentar amesquinhar o valimento dos serviços prestados por este cidadão á causa da democracia como propagandista e vigoroso defensor; mas a inveja será sempre inveja, e a voz dos factos far-se-á sempre ouvir sufficientemente para que o seu triumpho, cedo ou tarde, seja completo, incontestado.

Nos mumentos de lucta mais eccesos, quando os republicanos aveirenses sentiram necessidade ardente de se empenharem no combate, sempre se conheceu a influencia de Manoel Christo. *O Povo de Aveiro* de que foi um dos redactores, e que tantos sacrificios lhe custou, é a prova indestructivel d'esta affirmativa: desde o primeiro ao ultimo numero esse jornal é um livro de combate, cerrado, victorioso. Manoel Christo que gastou n'essa lucta parte da sua energia, tem tambem a sua parcella nos loiros da victoria.

Hoje, porém, que os animos aparentam uma tal ou qual tranquillidade, no nosso meio, já se vê, a sua actividade concentrou-se na direcção da sua vida; mas não deixa ainda assim de se manter vigilante, prompto a sahir ao primeiro signal de combate, como os velhos soldados para os quaes o cheiro da polvora é uma saudosa recordação de vivas commoções.

As contingencias da existencia obrigam-n'o a cultivar a arte, como a organização intellectual o fôrça a defender a ideia.

E' um homem honrado.

Que mais dizer?

Basta repetir que «quando um dia alguém quizer escrever com justiça e saber do nosso tempo e dos nossos homens, Manoel Christo ha de apparecer como uma das individualidades mais caracteristicas da geração actual».



A VEIRO

(Ao meu bom amigo, o sr. José Maria da Rosa Albino, de Setúbal)

Minha terra, linda Aveiro,
onde o meu canto primeiro,
ainda criança, ergui,
tu sempre me inspiras cantos,
com teus naturaes encantos,
que ao longe nunca esqueci.

Sempre te fui dedicado,
ainda que despresado
eu seja da patria-mãe.
Sempre por ti no meu peito
abriguei um fiel preito
e amor filial tambem.

E's uma terra de amores,
onde tão mimosas flores
se veem desabrochar.
Tuas rosas e boninas
e as tuas verdes campinas
sempre o vate hão de inspirar!

Pela natural belleza,
tens o nome de Veneza
da portugueza Nação.
As tuas meigas donzellas
a quantos, com graças bellas,
captivam o coração?

A tua formosa ria,
que nos estranhos extasia,
tuas colinas de sal,
o teu caes, as tuas pontes,
teus jardins, e tuas fontes
tem bellezas sem equal.

Nos crepusculos suaves,
ternos gorgeios das aves
aqui fallam do Senhor.
Fallam estrellas brilhantes,
fallam auras susurrantes
do mais suave frescor.

Quando, por noites amenas,
nas tuas aguas serenas
a lua se vae mirar,
ante esse quadro formoso,
da poesia no goso,
eu me sinto arrebatado!

Quando, em noite socogada,
na ria branda toada
se escuta do remador,
mais então lembras Veneza
e mais a tua belleza
fallar parece d'amor.

Além se veem ligeiras,
trabalhando, as salineiras,
sorrindo em seu labutar.
E córadas, como rosas,
cantam, em tardes formosas
e nas noites de luar!

Tem grata melancolia,
aqui, n'um formoso dia,
o sol a fronte a esconder.
Do teu limpido horisonte
e tão vasto, a sua fronte
saudades parece ter.

E, quando a brilhante aurora
teu vasto horisonte córa
e nas aguas vem sorrir,
as suas formosas cores,
d'Aveiro ás mimosas flores,
parece, que vem pedir!

N'um batel, sobre essas aguas,
quantas vezes suas máguas
um infeliz olvidou?

—No batel, que brandamente
sulea a limpida corrente,
então um canto soltou!—

Quem vê Napoles, deseja,
para que mais nada veja,
a vida logo acabar.
Quem te vê, deseja a vida,
para em terra tão querida,
de melhor vida gosar.

Elevados monumentos
não tens, mas gratos momentos
dás a quem te visitou.
De ti, formosa cidade,
se recorda com saudade
o que de ti se ausentou.

Chamam-te pequena e pobre,
mas nas tradições és nobre;
da caridade no amor;
na creuça religiosa;
e na memoria saudosa
do teu antigo esplendor!

Aqui nasceu a heroína,
a quem bem notavel sina
athé Mazagão levou.
E uma lenda decantada
falla da Virgem sagrada,
que á «*Porta do sol*» quedou.»

Tu encerras no teu seio
casta Princeza, que veio
da virtude exemplos dar;
tambem Nathercia formosa,
a quem a lyra amorosa
Camões soube consagrar.

E's a gentil successora
de *Talabriga*, que fôra
grande em tempos, que lá vão.
—Foi por *município*, honrada!
Antonino, a tão presada
aguia, lhe deu, por brazão,

Apoz batalhas e damnos,
Ariarium dos romanos,
eis-te de novo a brilhar.
—*Aveiro* dos portuguezes,
tens sabido, muitas vezes,
o portuguez nome honrar.—

Se nunca as tuas muralhas
veio, em renhidas batalhas,
sangue estrangeiro tingir,
teus filhos, sempre altaneiros,
em paizes estrangeiros
fizeram teu nome ouvir.

Do occidente ao levaute
já uma fama brilhante
poude o teu nome levar.
—Do teu brazão os emblemas
mais, do que muitos poemas,
o podem bem attestar.—

Quando ainda o Gama ousado
não tinha as ondas sulcado,
já o mundo poude ver
brios de um teu marinheiro
e de outros filhos de Aveiro,
que o mar não sabem temer.

Outros obraram proezas
n'essas guerreiras empresas
em que Portugal brilhou.
E, na sciencia e nas artes
notavel, em muitas partes,
já de Aveiro se fallou.

Feitos, dignos de memoria,
praticaram com a gloria,
que ninguem ousou negar.
—Teu passado glorioso
de um tempo bem mais ditoso
não deixes de recordar!—

Ainda podem teus filhos,
ó Aveiro, dar-te brilhos
como os de antigo valor.
A historia de antigos feitos
talvez possa nos seus peitos
accender o patrio amor.

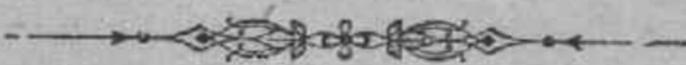
Vê, que a tua aguia famosa
te diz, ó terra formosa,
que debes teu vôo erguer.
Ergue, Aveiro, um vôo ousado!
—E recorda o teu passado
e não te deixes morrer.—

Agora estás abatida,
mas podes recobrar vida,
recordando as tradições,
que os teus filhos tanto honraram
e aos vates já inspiraram
tambem mimosas canções.

Repelle com energia
o que tiver ousadia
de teu bom nome insultar.
Da tua velha nobreza
te podes, lusa Veneza,
bem justamente ufanar.

Aveiro, 1897.

RANGEL DE QUADROS.



O commercio do gêlo

E' especialmente nos Estados Unidos que este commercio tem maior desenvolvimento, sendo expedidas para todas as partes do mundo milhões de toneladas.

Os Americanos, homens essencialmente praticos, exploram as vastas regiões do gêlo, methodica e regularmente, como se tratassem de uma floresta ou de uma mina.

Quando os lagos e as ribeiras gelam, um cavallo atrelado a uma charrua, munida de uma faca, avança sobre a superficie polida, que é cortada em sentido longitudinal e transversal, formando pequenos rectangulos de meio metro de lado.

Terminado o corte, é em pequenos barcos que continuam o serviço quebrando o gêlo que se subdivide em blocos regulares, semelhantes a grandes pedaços de vidro cortados pelo diamante do vidraceiro, os quaes são transportados seguidamente para a geleira, cuja construcção exige muito menos cuidados do que os empregados no velho continente.

Um vasto recinto, fechado em toda a volta por pranchas de pinheiro, postas de modo a formar um estreito corredor que se enche de molhos de palha, e coberto de colmo.

A' medida que os blocos chegam, são postos sobre uma cama de palha, que se cobre com uma espessa camada de serradura, sobre elles lança-se novamente serradura, que se cobre de palha e que recebe uma nova camada de serradura e uma outra camada de gêlo, e assim successivamente até que o armazem esteja completamente cheio.

Fecha-se finalmente a porta com madeira, palha e serradura e espera-se a primavera para fazer a exportação.

NO ARBUM

AO ANTONIO

Eu via dentro em mim d'um templo a syntonia
Que a Mocidade ergueu na minha treva fria
De risos e de flores das beiras dos caminhos
E do musgo talvez que foi roubar aos ninhos,
N'um tempo que passou em hymnos d'alegria.

Foi sob o seu docel de argenteas estrellas
Cel'brada a communhão de duas almas bellas,
N'um tempo que passou, à luz da mocidade...
—Como eu inda ajoelho, ouvindo a syntonia
Dos tempos d'essa idade!—

Lembras-te ainda, dize, ó alma irmã da minha,
Da prata do Missal e do Altar do sonho,
Onde o amor resava a nossa Ladainha?

Oh! irrisão da ideia! Oh! labutar medonho!
Julguei que a tua Alma, a tua Alma ingrata,
A tua Alma morta,
Deixára desde então de todo eliminar
A illuminura santa áquelle Missal de prata!

Deixa noivar as almas... Velhas?—O que importa?
Deixa noivar as almas... Oh! deixa-as noivar.

Jayme de Vasconcellos.



Agostinho Duarte Pinheiro e Silva

Agostinho Pinheiro foi um dos homens d'Aveiro contemporaneos que teve maior prestigio de illustração e de saber. Não lhe faltaram admiradores nem mesmo os seus fanaticos. Aveiro tem essa grande virtude; a affeição pelas cousas e pelas pessoas transforma-se entre a sua gente em religião. Que o digam as festas annuaes em honra de José Estevão, o exemplo unico d'um verdadeiro e espontaneo culto civico consagrado a um nome glorioso.

Na verdade, Aveiro devia estimar Agostinho Pinheiro porque era um seu legitimo producto. Nascido aqui, aqui foi creado e educado, aqui viveu e aqui morreu, impre-

gnando-se todos os dias e a todas as horas dos hábitos, dos costumes, do modo de ver e de pensar que são característicos d'esta terra. Tinha a promptidão de intelligencia, a suavidade no trato, um instinctivo amor das causas bellas, a preocupação dos galanteios e das intrigas feminis, o amor e a dedicação pelo interesse publico e o cuidado de dar boa conta de si nos cargos que lhe cabiam, e tudo isto é muito d'Aveiro, é o melhor do seu sangue.

O que é surprehendente e mais avulta na physionomia de Agostinho Pinheiro, foi a illustração que alcançou com meios relativamente mesquinhos. Nem saiu d'Aveiro para se educar nem mesmo das acanhadissimas escolas, que no seu tempo aqui havia, aproveitou o que poderia aproveitar, isto é, o conhecimento da lingua latina, familiar aos bons espiritos d'aquella epoca. O que era, tirou-o das suas proprias forças, do desejo de saber, do interesse e do cuidado pelos bens da intelligencia. N'esse caminho foi bem longe; a sua livraria revelava-nos o aturado estudo e uma visivel inclinação para as sciencias economicas, as suas publicações, infelizmente pulverisadas pelo *Districto de Aveiro* e em alguns opusculos, demonstram a copia de conhecimentos, o gráu de logica e de coordenação, o poder de pensamento e o esmero litterario que com tanta felicidade tinha alcançado. Estou bem certo de que nomes seus contemporaneos mais afamados, e porventura personalidades em maior evidencia, lhe eram inferiores. A sua polemica com Rodrigues de Freitas, sobre a liberdade da emissão fiduciaria, marca talvez o ponto em que o escriptor começava a ter direitos de cidade fóra da sua terra, e é a prova provada de que se, o destino o tivesse lançado em mais largo ambiente, Agostinho Pinheiro conquistaria igualmente a admiração que mereceu aos seus conterraneos. Tinha merecimentos para isso.

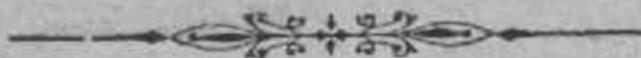
Hoje, se formos procurar as opiniões politicas e economicas de Agostinho Pinheiro, parecer-nos-hão singularmente antiquadas e haverá muito quem sorria das suas illusões; mas se as compararmos com as correntes intellectuaes que n'aquelle tempo dominavam, veremos que se elevou á altura a que os meliores se elevaram. Reinava o doutrinariismo liberal, o mundo politico e social havia de

ser uma construcção feita pela lei e organisada pela logica,—n'este erro caíram os espiritos superiores da primeira metade d'este seculo. A experiencia mostrou quanto eram illusorias as suas aspirações e o caos que correspondia a essa perfeição que as leis se propunham alcançar, mas não ficaram prejudicados pelo desastre, nem a nobreza de sentimentos dos que planearam e organisaram a empresa, nem mesmo a sua pujança intellectual. O tempo negou a verdade do principio que era a base de todo o novo edificio; não diminuia a generosidade com que foi levantado, nem amesquinhou as forças, alias reconhecidamente poderosas, que n'elle se empregaram.

Pelo lado moral, a linha mais accentuada da physionomia de Agostinho Pinheiro era a paixão politica, na mais alta accepção da palavra. Os seus estudos tendiam sempre a conclusões praticas, a uma influencia social immediata, modificando leis, instituições e costumes; o melhor da sua actividade dispendeu-se nas luctas politicas, ora na imprensa, na discussão e trabalhos de critica em que longos annos combatu e se mostrou primoroso, ora na administração publica, em differentes cargos, mas como presidente da camara municipal e procurador á junta geral, principalmente.

A politica foi a sua grande preocupação e será como politico que o seu nome ha-de perpetuar-se.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.



O EXILIO

Bem longe, um ninho branco, occulto na ramagem;
Que o sol, á tarde, oscula, quando a briza acalma,
Eu vejo, ás vezes, lá, de mim proprio, a miragem...
És Tu que lá habitas, Alma de minh'alma!

11—X—97.

Minusculo.

DE RELANCE

O nosso tempo, em que tantas maravilhas se apregoam, pôde vangloriar-se, também, de ter visto profanar as coisas mais venerandas. A maior parte das vezes, a verdade é suplantada ignobilmente pela mentira, a modestia pela arrogancia, a virtude pelo vicio. Prostituem-se os corpos, prostituem-se as almas, prostituem-se os sentimentos.

Ha quem zele a sua dignidade? Cautella! Logo vem tentando deprimil-a os que mercadejam com a propria dignidade. Ha quem veja com olhos de censura a immodestia no vestir, no fallar, no proceder? Cuidado! De subito surgem, na arena, os amantes da frivolidade e clamam para as turbas que modestia no trajo é mau gosto ou pelintrice, moderação no fallar é acanhamento, é pêllo, e a prudencia na accção é qualquer cousa assim, libieza, covardia por exemplo...

D'este modo se fazem incitamentos ás qualidades mais arrevezadas, e d'ahi se formam os vadios, os garrulos, os jogadores, os valdevinos, os ciganos de casaca e fraque, que vivem da lambugem, de habilidades, de expedientes...

N'estes termos, não admireis que um palafoz seja alvo de contumelias, como se elle fosse um homem de valor; nem deveis estranhar se a vida ou a morte d'um homem de valor effectivo e real discorrer ou passar sem o preito que lhe é devido, sem as demonstrações de consideração a que tem jus em bôa justiça.

E' dos livros... nos nosso tempos, em que tantos maravilhas se apregoam e em que se profanam as coisas mais venerandas.

No meio d'este desabar de illusões fagueiras, de aspiração de verdade e de justiça em que tantas almas se deixam emballar em verdes annos, ha, porém, felizmente excepções. Onde ellas se dão mais características é no povo. Quereis ver como?... eu vos explico.

Falleceu ha annos no bairro piscatorio de Aveiro uma santa mulher de poucos teres, modesta, laboriosa e caritativa. Quando apparecia a doença ou a penuria no seu bairro, ella como que a advinhava e lá ia levar socorro do pouco que possuia. Se do seu não tinha, percorria

a cidade pedindo para «aquelle nosso irmão pobre e enfermo», e sempre o óbulo da caridade se coalhava nas suas mãos bemfazejas.

Pois bem! Esta mulher foi chorada, e o povo fez o panegirico das suas virtudes, encorporando-se no seu saimento funebre até ao cemiterio. Mas, felizmente, á beira da sepultura não appareceram oradores typicos a tecer-lhe elogios: não foi, pois, profanada a sua sepultura.

Ora ainda bem!

Ha poucos mezes falleceu, no mesmo bairro, um irmão d'aquella santa mulher. Era considerado por todos como um homem honrado, trabalhador, mettido comsigo compadecido com as miserias do proximo. Foi chorado por todos os que o conheciam. No seu cortejo funebre encorporou-se toda a população do bairro, e muitos outros que com elle haviam tratado, apreciando as suas qualidades de coração e de character, tambem o acompanharam á derradeira morada.

Foi uma digna homenagem de respeito, affecto e saudade; mas á beira da sepultura não appareceram oradores typicos a fazer-lhe elogio.

Felizmente não foi profanada a sua memoria.

E' que... eu depois concluirei este pensamento, esperem um pouco.

Aveiro, 28—X—97.

JOÃO JACOB.



PRIMAVERA

(DE HENRIQUE REAL)

Dae ao olvido a hivernal tristeza;
 A festa do planeta se prepara;
 Ostenta o seu brilho a natureza
 Em longos campos de verdura rara.
 Alerta, impressionaveis sonhadores!
 O prazer esperado se avisinha...
 Vêde: começa a namorar as flôres
 A innocente e candida andorinha.

ASCANEO MORENO.

O TIO JOAQUIM

A J. de C. BARRETO



Era a alegria do logar o bom do tio Joaquim—o moleiro.

Espirito alegre e folgazão, tinha sempre nos labios já desbotados pela idade um gracejo para todos, e em especial um dito picante para as raparigas que diariamente o visitavam na azenha, buscando os taleigos.

E com que gargalhadas bregueiras e estrondosas elle acompanhava as chalaças, que faziam despedir dos labios grossos e sensuaes das moças do campo um visinho malicioso e provocante!

Eh! eh! eh! que bom ratão era o tio Joaquim!...

De resto já nada havia a reccar dos seus galanteios, porque as aventuras ha muito que tinham acabado para elle. Agora—bom Deus—o seu reumathismo lhe bastava, alem dos sessenta janeiros que decorreram tornando-lhe os cabellos tão brancos como a farinha que cahe das mós da sua azenha.

Só o velho cangirão de vinho quente pelas noites frias lhe mereee cuidados, não fallando na criação que lá fôra na eira canta alegremente n'um conjuncto exquisito e pouco harmonioso.

Era toda a sua alegria aquella familia especial formada por pombos cinzentos, arrulhando nos caixões de cria sob o beiral do celleiro; gallinhas debicando na moinha; patos nadando na levada e mais o cachorro — o Rafeiro — que lhe guarda o casal, latindo para o ceo em noites luarentas.

Todos seus cuidados e affectos eram para a sua criação que pela madrugada—a aurora dourando as collinas pelo nascente—o desperta para as canceiras diarias.

—Olá! olá! cambada gulosa; ahí vou calar-vos! Safa, Rafeiro! tá... tá... tanta festa!...

Eram assim os seus bons dias, e a isto se habituára o bom do velho que mais não tinha a quem amar. Para quem as suas caricias e afagos, depois que ficára só pela viuvez? Nem um filho Deus lhe déra para na hora derradeira lhe fechar os olhos, e o poupar no labutar da azenha.

Que, apesar de velho, o trabalho não lhe mettia medo nem pesava, que ainda o tempo era de sobra para, de vez em quando, visitar o compadre regedor, companheiro inseparavel da bisca, as partidas ganhas riscadas a giz no tampo ensebado da meza.

Por signal que, quando juntos, para alli se ficavam horas inteiras agarrados ás cartas, o pichel do verde sempre á mão.

Era pela noite alta, e com o espirito fortemente esquentado pelos effeitos do vinho, que o tio Joaquim recolhia a casa depois de ter, o mais das vezes, pregado a peça ao perceiro de lhe ganhar um sem numero de partidas.

No dia seguinte, quando um raio de luz, coando-se por uma aberta do telhado, o vinha despertar, illuminando-lhe a fronte serena e bondosa n'um reflexo amoroso, o bom do velho erguia-se do catre abrindo os braços n'um espreguiçar vicioso, fazia pausadamente o signal da cruz, benzendo-se; abria o postigo que dá para a levada, a observar o movimento monotono e arrastado dos engenhos; e, sobraçando um cesto de vime, ia á velha arca do celleiro buscar o almoço para a criação.

E ao abrir a porta que dá para o quintal, repete carinhosamente os seus bons dias, tentando baldadamente dar á voz um tom de rispidez que não possue.

—Olá! olá! cambada gulosa; ahí vou calar-vos! Safa, Rafeiro! tá... tá... tanta festa!

Então os gallos saudam-o n'um canto festivo; as pombas mansas, sabindo dos ninhos onde se empoleiram, veem-lhe á mão comer o milho, poisando-lhe depois sobre os hombros—as azas roçando-lhe ao de leve pelas faces ru-

gosas, n'um afago terno e delicioso; e o Rafeiro enroscando-se-lhe nas pernas, lambe-lhe as mãos, salta brincando na frente d'elle latindo, n'uma alegria ruidosa.

E fallando a toda aquella «cambada que lhe dizima o milho», e com quem parece intender-se, um sorriso de satisfação e prazer desenha-se nos labios desbotados do bom do tio Joaquim.

Depois, vae ao redil levar a ração á garrana, cantarello despreoccupado uma cantiga dos seus bons tempos de rapaz, quando nos serões e esfolhadas :

Ai vida da minha vida,
Meu viver sem illusões.
Ai vida da minha vida,
Quem ama soffre paixões.

E feitas estas visitas obrigatorias, eii-o na lide da azenha, chegando milho ás mós, enchendo os taleigos e picando as pedras.

Quando sente passos lá fóra na quelha, eil-o que asso-me á porta, observando quem passa para metter conversa.

Agora é com uma rapariga que vem da fonte:

—Bons dias, Emilinha.

—Bons dias, tio Joaquim.

—Como vaes alegre e satisfeita! Aposto que já hoje fallastes ao derricko? Tem-me juizo, cachopa; tem-me juizo!

E logo a um pastor que leva o rebanho ao campo:

—Adeus, Manuel! Toma cuidado com o gado que não me volte á beçada, ouvistes? Como está teu pae? As ma-leitas ainda o não deixaram?

—Lá ficou acamado esperando o cirurgião. Adeus, tio Joaquim.

—Vae c'ó Senhor.

* * *

N'um anno, porém, com a vinda do inverno desabrido e frio, o vento sul açoutando os esqueletos das arvores; a chuva inundando as varzeas, alagando a levada que toca as rodas da azenha n'um movimento vertiginoso—o rosto alegre e prasenteiro do bom do tio Joaquim, tol-dou-se com uma tristeza angustiosa.

O espirito anuviou-se-lhe de sombrias meditações; assaltaram-no dolorosos presentimentos, sentindo que em breve a fatalidade viria feril-o.

Nem a alegria communicativa da sua criação conseguia dissipar a sombra, que lhe effuscava o espirito.

E tinha razão o bom do velho para andar pezaroso.

Uma noite em que o temporal se desencadeára medonhamente, parecendo tudo arrasar, o tio Joaquim levantou-se a parar os engenhos. No momento, porém, em que segurava uma das rodas, uma rajada de vento impelliu-a violentamente, arrastando-a na greda, e o bom do velho lá foi cahir em baixo no precipicio, mal podendo soltar um grito de angustia.

Adivinhára o seu fim proximo, o tio Joaquim.

Levaram-no ao outro dia sobre o esquife para a terra santa do adro da egreja—o cemiterio da aldeia—enquanto o Rafeiro n'um instincto fatal nivava sinistramente ao ver se abandonado.

Ilhavo.

DINIZ GOMES.

ENYGMATA N.º 17

A's direitas e ás avessas sempre ligeira—1.

OS TEUS BEIJOS

Disse um dia Deus á brisa:—Suspira,
Vae aos narcisos, vae ao arvoredos,
Vae ao regato e solta-lhes a lyra
Que guardada em silencio têm a medo.

E a brisa foi. Passou pelos narcisos
E ao soltar-lhes a lyra em mil harpejos
Viu-te os labios abertos em sorrisos
E soltou-lhe a harmonia dos teus beijos.

1894.

FERNANDO DE SOUZA.

A' BEIRA-MAR



O sol, já abaixo do horizonte, a tingir os ceus de uma mancha sanguinolenta, alastra-se em cambiantes até ao azul profundo da cupula, e um vul-

to de galera a destacar-se ainda nitido, que por seu lado deixa ver as velas enfunadas pela aragem

do norte a encrespar de leve a superficie dos mares.

Ao longo da praia alguns grupos gozam a belleza do espectáculo, a constante mutação do scenario, deixando-se possuir a pouco e pouco do magestoso da scena; a conversa vai descahindo para assumptos mais intimos, na alma um abandono crescente, a necessidade instante de revelar o que mais de secreto encerra; pausas frequentes, silencios difíceis; e, ao contemplar a amplidão das aguas, que se estende a perder de vista para além d'essa linha do horizonte, que a vaporisação da noite começa de esfumaçar, o problema da immensidade impõe-se, insolvido e insolúvel, lançando o espirito no mar revolto das cogitações.

O tempo passa de manso, perdidos todos em vaga contemplação, profundamente suggestionados pela despedida de mais um dia que se vai, e a vaga a varrer a areia faz e desfaz no seu ultimo vai-vem, architecto incansavel, demolidez que nada embaraça.

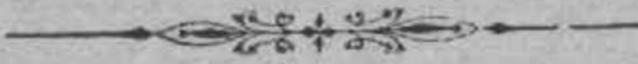
Lá ao longe, avista-se ainda a silhueta da galera, todo

o panno largo, a projectar-se sobre o fundo do horisonte, tudo muito esbatido, escassamente allumiado, n'uma tonalidade doce de marinha; e ao passo que o crepusculo baixa, eleva-se das coisas um mysticismo de sanctuario, as formas avelludam-se, idealisam-se em curvas musicaes, e no fundo d'alma accorda a nostalgia de alguma affeição morta, a saudade vaga que humedece a alma na suavidade do pranto; espadas, muito tenues, as lembranças da felicidade que se foi, indecisa, vaporosa e phantastica ainda, a ventura que se espera em ancias de duvida na indecisão doce de um souhar accordado n'esse torpor do hachisch, que esra hora da tardinha acalenta em nós, enquanto lá em cima as estrellas se accendem uma a uma no lampadario dos ceus, enviando tremulas as mensagens das almas que por lá vagueiam, transmigradas da Terra, no seu eterno giro em torno do Ser Supremo.

Das bandas do oriente eleva-se vagarosa a lua, balão de fogo a lançar sobre a areia uma toalha pallida de luz, e os barcos de pesca, na bruma da noite, crescentes, levantinos, destacam-se sombrios na musselina da nevoa, dois longos braços erguidos n'uma supplica inattendida.

E o mar canta mais docemente, sob o allago da lua que o diademisa em letras de prata, a tremerem de mauso ao sopro da brisa que leva os nossos sonhos para os mundos mysteriosos onde a Bem Amada vive, na sua chrysalida de anjo, esquecida do mundo, mortos os desejos da carne, n'um espiritalismo transparente e calmo, como o seu olhar perdido e vago no azul sem fim.

.....
ELIAS CARVALHO.



PERGUNTA ENYGMATICA

Qual é a letra do alphabeto francez que, pronunciada á portugueza ou á ingleza, é em qualquer das duas linguas, primeira ou ultima, o mesmo liquido, egualmente colorido, do mesmo modo saboroso e odorifero?

Catasol.

NEM TUDO QUE LUZ É CIRO

AO MEU SYMPATHICO AMIGO MANOEL MARQUES MACHADO

Par'cia uma nymphã embalada p'lo mar
Sorrindo para mim,
Tinha tão dulcido, tão limpido olhar,
Qual meigo seraphim.

Par'ceu-me vêr n'ella a virgem dos meus sonhos,
Aquella que eu amava,
A doçura dos seus olhos tão risouhos,
Até inebriava.

Tremulo beijei os seus fulvos cabellos
Que sempre admirei,
Os seus hombros nús tão brancos e tão bellos,
Tambem os osculei.

la a beijal-a nos labios — acordei
Com grande decepção,
Porque o beijo apaixonado que lhe dei
Fôra no meu colchão.

Lino S. Marques.

ENYGMMA N.º 18

Seis letras tem o meu todo,
Duas a duas eguaes;
São só quatro consoantes
E as outras duas vogaes.

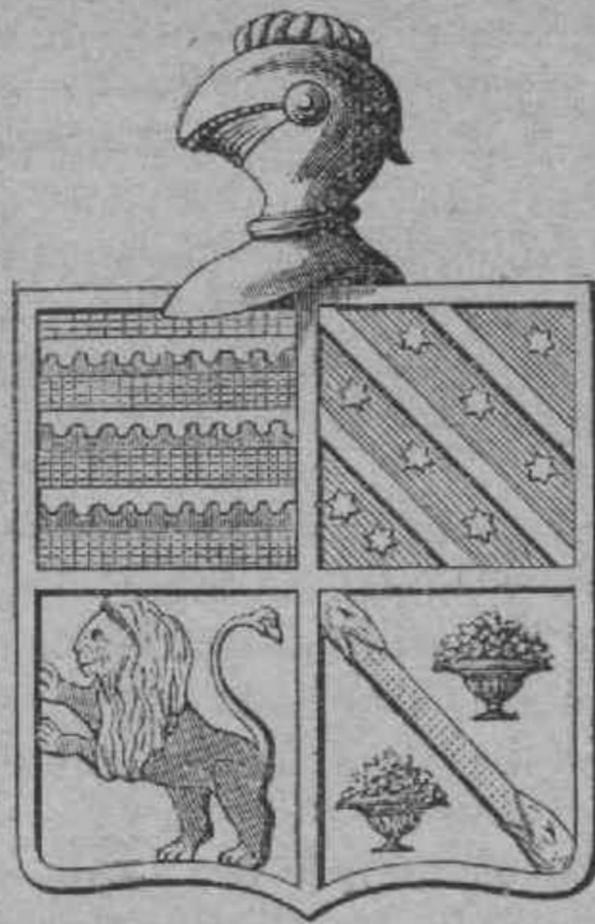
Principio como acabo
O que é coisa mui vulgar;
Porém, lêde-me ás avessas,
O mesmo haveis de encontrar.

Nasci na noite dos tempos,
Não se me sabe a idade;
Mas na Asia achar-me-eis,
Sou historica cidade.

Vogal é segunda e quinta,
Do alphabeto a primeira:
E agora as consoantes
E' achal-as com canceira.

Senti gemer o Euphrates,
Fui livre, fui respeitada,
Mas um dia finalmente
Por Cyro fui subjugada.

Catasol.



BRAZÕES AVEIRENSES

CASA DA OLIVEIRINHA

II

Escudo esquartellado: No primeiro quartel as armas dos Vasconcellos—em campo negro tres faxas veiradas de prata e vermelho, sendo a prata da parte de cima e a vermelha de baixo: no segundo as dos Barros—em campo vermelho tres bandas de prata, e sobre o campo nove estrellas de oiro, uma no primeiro alto, tres em cada um dos do meio, e duas no fundo do escudo: no terceiro as dos Silvas—um leão de purpura armado de azul; e no quarto as dos Soares de Toledo—em campo vermelho uma banda de oiro sahindo das boccas de duas cabeças de serpe, tambem de oiro, armadas de azul entre duas jarras tambem de oiro, cheias de flôres de prata.

A casa da Oliveirinha teve por progenitor um membro d'um dos ramos mais antigos e illustres da familia dos Silvas, Jorge da Silva, que viveu no seculo XV.

Escudeiro de geração. Filho de Ayres Gomes da Silva, regedor das justiças e IV senhor de Vagos e de D. Brites de Menezes. Foi escudeiro e mestre sala da Princesa Santa Joanna, filha de el-rei D. Affonso V. Casou duas vezes: a primeira com D. Izabel Soares, descendente de Nuno Soares Velho, senhor da Terra de Santa Maria (Terra da Feira) e a segunda com D. Leonor Gonçalves, de que não teve filhos.

O primitivo solar não era onde hoje está, mas sim na chamada Quinta do Syndico, no logar da Granja, onde outr'ora se levantou de certo alteroso edificio, a avaliar pela magnifica pedra d'armas que ha annos ali foi encontrada com o brazão privativo da familia e, que é o mesmo que a nossa gravura reproduz.

O appellido Mattoso apparece n'esta familia desde o principio do seculo XVIII, sendo o primeiro que d'elle usou o 4.º senhor da casa da Oliveirinha Romualdo d'Almeida da Silveira Mattoso.

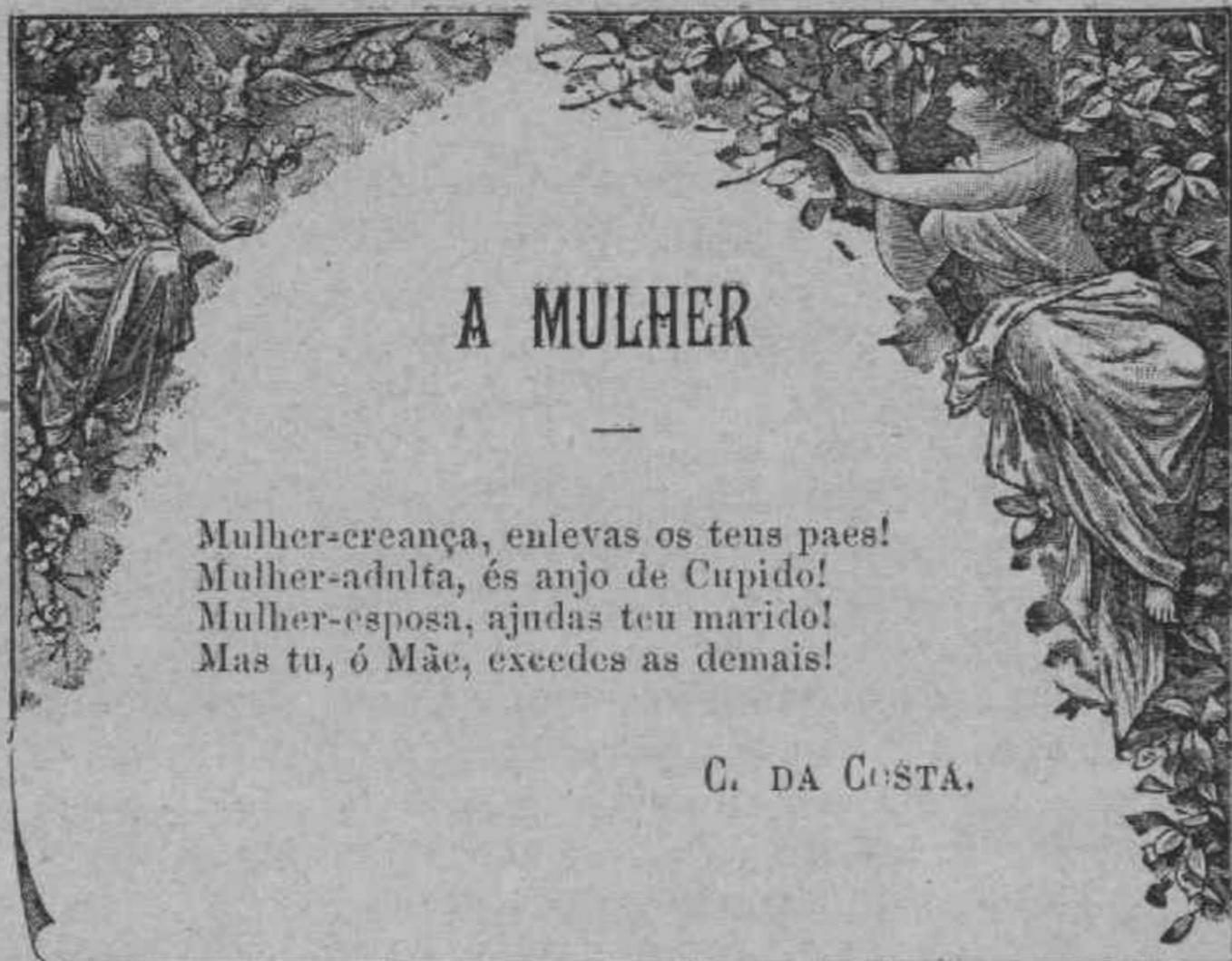
Assignalada desde antigos tempos por notaveis serviços publicos, a Casa da Oliveirinha conquistou modernamente um logar distinctissimo na sociedade portugueza, por ter sido o berço de Francisco de Castro Mattoso, José Luciano de Castro e Augusto Maria de Castro.

O seu actual representante, Francisco de Castro Mattoso, uma das mais legitimas glorias da magistratura portugueza, que se vangloria com a sua cooperação sempre recta e esclarecidissima, tem prestado como deputado os mais relevantissimos serviços ao paiz e aos dois circulos que se orgulham de o haverem eleito Aveiro e Coimbra, e, de que ha bastantes annos já é indefeço advogado e inconeusso propugnador de todos os seus melhoramentos e interesses.

O conselheiro José Luciano de Castro, hoje o primeiro entre os primeiros homens publicos de Portugal, não é só uma gloria da casa da Oliveirinha é uma verdadeira gloria nacional. Este moderno Bayard da politica portugueza possui distinctissimos dotes de estadista, tem um altissimo e inquestionavel valor e alia ao talento e saber a mais austera honradez. Respeita-o o paiz inteiro, veneram-no amigos e reverenciam-no os adversarios.

Augusto Maria de Castro, publicista distincto, é como seus irmãos mais velhos um jurisconsulto notavel. Magistrado recto e illustrado tem ante si um futuro brilhante tambem.

Marques Gomes—*Memoria historico-genialogica da Casa e Solar da Oliveirinha*—1897.



A MULHER

Mulher-creança, enlevas os teus paes!
 Mulher-adulta, és anjo de Cupido!
 Mulher-esposa, ajudas teu marido!
 Mas tu, ó Mãe, excedes as demais!

C. DA COSTA.

BERCEUSE

Tenho bordada dacta a retalho, então mesmo feita de madrugada.

Do ceo ao mundo a mundanar, Anjo d'amor que me fez pae, que não sabia senão chorar, veio n'um dia de madrugada...

—Dispertam aves pela alvorada... é na alvorada que nasce a flôr.

Farrapos brancos do peito meu são o retalho do tal bordado... foi a minh'alma quem m'o bordou...

Bordou minh'alma... bordou minh'alma; até me lembro que se picou.

O' bordadeira, bordadeirinha, borda-lhe um berço fresco e rosado; borda-lhe um berço c'o a minha pelle... dorme às escuras desde o sol-pòr, tem queimaduras do meu calor.

Noites escuras!... Até manhãzinha sobre os meus braços dormindo vae—o meu amor!

Berço de vigas braços de pae... está pisadinha, tem queimaduras e tem calor.

Eu corro ao ceo a buscar azul... eu quero azul p'ra a emballadeira...

Quem tem uma serra, quem quer serrar... ha alli uma estrella que dá madeira...

O Sol é torno de tornear.

A minh'alma é branca, a minh'alma é nua,—lençol de linho para a cobrir.

Eu quero a lua, tambem quero a lua... a lua leita na seara a abrir...

E tambem o ceo, o ceo constelado... o ceo é livro de ensinar a ler,—é livro d'ouro encadernado...

E o Anjo bello se fará mulher.

MACEDO VASCONCELLOS.

